

BUSCA DO CONHECIMENTO

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

PARTICIPAÇÃO COM RESPONSABILIDADE

A RESPONSABILIDADE DOS GRUPOS COM OS SERVIÇOS MUNDIAIS

Os grupos de A.A. têm hoje em dia a responsabilidade final e autoridade suprema pelos nossos serviços mundiais. (Conceito I)

A RESPONSABILIDADE DELEGADA (CONFERÊNCIA/JUNTA DE CUSTÓDIOS)

Em benefício de A.A. como um todo, a nossa Conferência de Serviços Gerais tem a principal responsabilidade de manter os nossos serviços mundiais. Mas a Conferência também reconhece que a principal iniciativa e responsabilidade ativa, na maioria desses assuntos, deveria ser exercida principalmente pelos Custódios, membros da Conferência quando eles atuam entre si como Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos. (Conceito VI)

A RESPONSABILIDADE NO SERVIÇO

Quase todas as sociedades e governos, hoje, apresentam sérios desvios do princípio muito sadio de que cada responsabilidade operacional deve ser acompanhada de uma autoridade correspondente para acompanhá-la. É por isso que temos tido tanto trabalho em discussões precedentes ao definir as autoridades e responsabilidades dos Grupos de A.A., da Conferência, dos Custódios e das nossas corporações de serviço ativo. Tentamos fazer, certamente, com que a autoridade em cada um desses níveis seja igual à nossa responsabilidade. Então tentamos relacionar esses níveis entre si de tal maneira que esse princípio seja mantido completamente. (Conceito X)

A RESPONSABILIDADE COM A AUTO-SUFICIÊNCIA

Para que A.A. possa manter-se livre de quaisquer influências externas, precisamos assumir a responsabilidade com a manutenção dos nossos grupos e organismos de serviços em todos os níveis.

“Os serviços abrangem, desde a xícara de café até a Sede de Serviços Gerais para a ação nacional e internacional. A soma de *todos* esses serviços é o Terceiro Legado de A.A. Tais serviços são absolutamente necessários para a existência e crescimento de A.A. Aspirando simplicidade, muitas vezes nos perguntamos se poderíamos eliminar alguns dos serviços atuais de A.A. seria maravilhoso não se ter preocupações, nem políticas, nem despesas e nem responsabilidades! Mas isso é apenas um sonho acerca de simplicidade; isso, na verdade, não seria simplicidade.

Sem seus serviços essenciais, A.A. se converteria rapidamente numa anarquia disforme, confusa e irresponsável.” (A.A. Atinge a Maioridade, pg . 122; 5ª ed, 2001)

A RESPONSABILIDADE NO SERVIÇO DO GRUPO

“A.A. jamais deverá organizar-se como tal; podemos porém criar juntas ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem prestam serviços” (Nona Tradição)

A RESPONSABILIDADE DOS SERVIDORES DE CONFIANÇA

Não obstante, os grupos de A.A. reconheceram que para os propósitos dos serviços mundiais, a “Consciência de Grupo de A.A.”, como uma totalidade, tem certas limitações. Não pode atuar diretamente em muitos assuntos de serviço porque não está suficientemente informada sobre os problemas em questão. É também verdade que a Consciência de Grupo, durante de muito distúrbio, não é sempre o guia mais seguro, porque temporariamente podem impedir o seu funcionamento de forma inteligente e eficiente. Portanto, quando a Consciência de Grupo não pode ou não deve atuar diretamente, quem deveria atuar no seu lugar? A segunda parte da Segunda Tradição nos dá a resposta quando descreve os líderes de A.A. como “servidores de confiança”. Esses servidores devem estar sempre prontos para fazer pelos Grupos o que os grupos não podem ou não devem fazer por si mesmos.

Conseqüentemente, os servidores tendem a usar as suas próprias informações e julgamento, às vezes a ponto de discordar de uma opinião mal informada ou preconcebida do Grupo.

Portanto, será observado que nos serviços de mundiais de A.A. confiamos numa pequena porém idônea minoria — nos cento e tanto membros da C.S.G. — para atuar como Consciência de Grupo de A.A., em muito dos nossos assuntos dos nossos serviços. Como em outras sociedades livres, confiamos nos nossos servidores (cf. Conceito III), embora sabendo que na eventualidade de falharem nas suas responsabilidades ainda teremos ampla oportunidade para adverti-los ou substituí-los. (Conceito V)

A RESPONSABILIDADE NA RECUPERAÇÃO

“Algumas pessoas se opõem firmemente à posição de A.A. de que o alcoolismo é uma doença. Sentem que esse conceito tira dos alcoólicos a responsabilidade moral. Como qualquer A.A. sabe, isso está longe de ser verdade. Não utilizamos o conceito de doença para eximir nossos membros da responsabilidade. Pelo contrário, usamos o fato de que se trata de uma doença fatal para impor a mais severa obrigação moral ao sofredor, a obrigação de usar os Doze Passos de A.A. para se recuperar”. (Na Opinião do Bill – pág. 32)

A RESPONSABILIDADE NO APADRINHAMENTO

“Todos os padrinhos são necessariamente líderes. Os valores são tão grandes quanto podem ser. Uma vida humana e geralmente a felicidade de toda uma família está em jogo. O que o padrinho diz ou faz, como prevê as reações dos seus afilhados, como controla e se apresenta bem, como faz as suas críticas e como controla bem o seu afilhado, através de exemplos espirituais pessoais – essas qualidades de liderança podem constituir toda a diferença entre a vida e a morte”. (Conceito IX)

A RESPONSABILIDADE COM A TRANSMISSÃO DA MENSAGEM

Quando qualquer um, seja onde for,
estender a mão pedindo ajuda,
quero que a mão de A.A.
esteja sempre ali.

E por isto: Eu sou responsável”.

— Declaração do 30º aniversário
Convenção Internacional de 1965

“(…) O Escritório de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos é muito mais do que o principal portador da mensagem de A.A. ele tem apresentado A.A. ao mundo conturbado em que vivemos. Tem encorajado a propagação de nossa Irmandade em todos os lugares. A.A. World Services, Inc. está pronto para atender às necessidades especiais de qualquer grupo ou indivíduo isolado, seja qual for a distância ou o idioma. Seus muitos anos de acumulada experiência estão disponíveis para todos nós. (...)”

Esse é o **legado de responsabilidade** dos serviços mundiais que nós, os membros mais antigos que vão desaparecendo, estamos deixando a vocês, os A.As de hoje e de amanhã. Sabemos que vocês vão guardar, sustentar e estimar esse legado mundial como a maior responsabilidade coletiva que A.A. já teve. (Bill W. – Na Opinião do Bill, pág. 332)

Bibliografia:

- Doze Conceitos para Serviços Mundiais
- Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade
- Doze Passos e Doze Tradições

A LIDERANÇA EM ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

SEGUNDA TRADIÇÃO

“Somente uma autoridade preside em última análise o nosso propósito comum – um Deus amantíssimo que se manifesta em nossa Consciência Coletiva, nossos líderes são apenas servidores de confiança; não têm poderes para governar”.

Líderes– pessoas cujas ações e palavras exercem influência sobre o pensamento e comportamento de outras.

A Segunda Tradição focaliza um Deus amantíssimo, a Consciência de Grupo e a liderança em A.A., ela é a chave que liberta os membros e servidores líderes de A.A. do “individualismo” e que, portanto, precisa ser aplicada (praticada) dentro de nossa Irmandade como um todo. A experiência acumulada pelos precursores mostrou que a Consciência de Grupo deve ser a única autoridade. Ainda hoje isto causa muitas discussões nos Grupos e órgãos de serviço, vemos que movidos pelas circunstâncias e apego ao poder, alguns membros ainda não acreditam nesta realidade, por natureza eles entendem que devem determinar normas e conduzir os trabalhos de A.A. à sua maneira, achando que sem a sua voz de comando nada poderá dar certo, adquirindo assim, um “direito” ilimitado de conduzir A.A. Pior ainda, muitos destes pensam que têm o direito de escolher seus sucessores, sem se aperceberem que a autoridade final deve vir da *voz da consciência* do Grupo. Isso não significa que estes membros não tenham utilidade, pelo contrário, suas experiências quando aplicadas sem autoritarismo ou interesse pessoal, sempre terão grande valia para o desenvolvimento da nossa Irmandade.

TERÁ A.A. UMA LIDERANÇA?

O Conceito IX na nos diz que “nenhuma sociedade pode funcionar bem sem uma liderança capaz em todos os seus níveis, e A.A. não pode ser exceção”.

A Segunda Tradição nos assegura igualdade:

- Dá-nos o direito de escolher nossos servidores e líderes.
- Garante a democracia plena.
- Também, nos põe a salvo de qualquer retaliação, pois quando colocamos em risco a harmonia do grupo – UNIDADE, a punição é a embriaguez do indivíduo e a dissolução do Grupo.
- Mostra como evitar problemas de autoridade e abuso de personalidade dentro dos serviços.
- Insere o princípio da rotatividade no serviço para evitar que companheiros criem raízes em um determinado encargo. Este princípio estimula os mais novos a prestar serviço para A.A., trazendo recompensas espirituais mais benignas do que fama pessoal e prestígio para alguém.
- Demonstra que os servidores não devem se impor aos demais membros, e sim têm a responsabilidade de compartilhar forças, esperanças e sobretudo experiências, baseado nos princípios de A.A. para que o Grupo tenha a sua consciência esclarecida.
- Nos mostra que pelos princípios de nossa Irmandade o líder ou velho mentor não lidera pelo prestígio pessoal, mas pelo exemplo dentro e fora da Irmandade.

SUBMISSÃO À CONSCIÊNCIA COLETIVA

Ao nos dispormos a aceitar encargos de serviço, estamos nos submetendo à Consciência Coletiva. Por isso não deve haver qualquer imposição hierarquizada pessoal ou individualizada dentro da Irmandade. Como verdadeiros servidores e líderes, devemos formular metas de trabalho e submetê-las à Consciência Coletiva do Grupo ou órgão de serviços. Bill W. no Conceito IX nos diz que, *“equipar nossa estrutura de serviços em todos os níveis, com trabalhadores capazes e com boa vontade, tem de ser uma atividade constante e que a nossa futura eficiência depende de renovadas gerações de líderes”.* Temos trabalhado a formação de novos líderes de serviço? A Segunda

Tradição nos mostra os mais veteranos com o dever de transmitir espiritualidade aos mais novos, para que eles futuramente sejam os servidores e líderes de A.A. e então que estes veteranos tornem-se mentores, observando o desenrolar dos acontecimentos, com sua experiência e exemplo de espiritualidade muitas vezes ajudando a resolver situações. Notável o fato de que o velho mentor apresentado pela Segunda Tradição é aquele que continua nos Grupos convivendo, ele é alguém que está sempre por perto pronto para partilha, não existe velho mentor isolado do Grupo.

RECUPERAÇÃO BASE DE TUDO

Precisamos nos recuperar à luz dos Doze Passos para aprendermos a ser servidores e não apenas “líderes”. Liderar em A.A. significa servir, orientar, amar para fazer tudo graciosamente, sem expectativa de retorno. Liderar em Alcoólicos Anônimos é servir, precisamos aprender a sermos servidores (servos) ao invés de apenas líderes. Está claro no enunciado da Segunda Tradição “(...) **nossos líderes são apenas servidores de confiança; não tem poderes para governar**”. O grande problema é que a maioria de nós líderes não aprendemos antes a ser servos, pois isto se dá com a prática da recuperação (Doze Passos) em nossa vida pessoal, por isso muitas vezes deturpamos a beleza do líder servidor de confiança colocado pela Segunda Tradição “*Nossos líderes não dirigem pelo mandato, lideram pelo exemplo*”. Ainda no Conceito IX encontramos: “*um líder no serviço de A.A. é, portanto, um homem (ou uma mulher) que pode pessoalmente colocar princípios, planos e normas ação de maneira tão delicada e efetiva que leva o resto de nós a querer apoiá-lo e ajudá-lo na sua tarefa*”. Eis a essência da Segunda Tradição, os líderes em A.A. não lideram pessoas, eles lideram serviços e responsabilidades, por isto os líderes mostrados pela Segunda Tradição e pelo Conceito IX lideram mostrando como se faz, ou seja, fazendo primeiro.

ATUEM POR NÓS, MAS NÃO MANDEM EM NÓS

A Segunda Tradição nos ensina que não precisamos de “governo ou governantes”, o chefe no sentido convencional do termo, com poder de mando, de advertir, punir, suspender, de demitir, de expulsar, de aprovar ou desaprovar ingressos, editar leis e regulamentos etc. não queremos isto porque a experiência já nos disse que não dá certo e nem é bom para nós. Precisamos ser servidores líderes ou a autêntica liderança proposta nesta Tradição que é a do exemplo, que não é a melhor forma de convencer mas a única, não existirá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Primeira Tradição afirma que o Décimo Segundo Passo – o que leva a mensagem, forma o Grupo. O crescimento de A.A. está diretamente ligado à nossa capacidade de transmitir a mensagem. Um alcoólico falando com outro alcoólico, um membro dedicando-se ao serviço da Irmandade, um membro contribuindo anônima e voluntariamente para manter o seu Grupo e os organismos de serviço, estas são algumas formas que encontramos para que a estrutura permaneça firme e o serviço não entre em colapso. A prática permanente das recomendações de prudência e espiritualidade contidas nas Garantias Gerais da Conferência inseridas no Artigo 12 da Ata de Constituição da Conferência e consolidadas no Conceito XII permitirá que a nossa estrutura de serviços mundiais a cada dia torne-se mais sólida e que a transmissão da mensagem ao alcoólico que ainda sofre seja contínua e permanente.

Por outro lado, a aplicação dos princípios enunciados nos Doze Conceitos para Serviços Mundiais nos assegura que teremos sempre a boa e indispensável liderança em todos os níveis de nossas atividades. A *Garantia Um* define a autoridade e o poder em A.A. da seguinte forma: “*a força espiritual que flui das atividades e atitudes de humildade verdadeira, sem egoísmo e dedicados servidores de A.A.*”, esta sim, é a forma de autoridade e poder sem as quais não podemos passar.

“*Os nossos líderes são apenas servidores de confiança, não têm poderes para governar*” este é o **alerta** da Segunda Tradição, por este motivo, nos Conceitos encontramos importantes orientações para o exercício da liderança em A.A. como as que se seguem, entre outras:

- ✓ Verificações e prestações de contas de maneira a impedir a autoridade irrestrita;
- ✓ Nenhum Grupo ou indivíduo deveria ser colocado em posição de autoridade suprema sobre outros;
- ✓ Deveríamos evitar uma desnecessária concentração de dinheiro ou influência pessoal em qualquer grupo ou entidade de serviço;
- ✓ Em cada nível de serviço a autoridade deveria ser igual à responsabilidade;
- ✓ Dupla administração deveria ser evitada;
- ✓ Os grupos de A.A. são a autoridade final;
- ✓ Os líderes deverão ser empossados somente com responsabilidades delegadas;
- ✓ Amor-dedicação pelos nossos companheiros e pelos princípios;
- ✓ Delegação de autoridade operacional para representantes com plenos poderes para atuar e falar pelos Grupos;
- ✓ Ampla autoridade e responsabilidade delegadas aos servidores de confiança;

- ✓ Delegação e distribuição adequada de autoridade, responsabilidade e liderança;
- ✓ Os servidores de confiança devem estar sempre prontos para fazer pelos Grupos o que os Grupos não podem ou não devem fazer por si mesmos;
- ✓ Confiamos nos nossos servidores
- ✓ Na eventualidade dos nossos servidores falharem nas suas responsabilidades ainda teremos ampla oportunidade para adverti-los ou substituí-los;
- ✓ Devemos evitar a todo custo a colocação de muito dinheiro ou de muita autoridade em qualquer entidade de serviço;
- ✓ Boa liderança não pode funcionar bem numa estrutura mal planejada;
- ✓ Má liderança não funciona nem na melhor das estruturas;
- ✓ É necessário habilidade e boa vontade para servir a Alcoólicos Anônimos;
- ✓ Ambições pessoais precisam ser postas de lado, antagonismos e controvérsias esquecidas, no momento de escolher os servidores;
- ✓ Devem ser nomeados os mais qualificados;
- ✓ É preciso ter cuidado e abnegação na escolha de servidores.
- ✓ Precisamos de liderança capaz em todos os níveis;
- ✓ Os nossos líderes não dirigem por mandato, lideram pelo exemplo;
- ✓ Dizemos aos nossos líderes: “Atuem por nós, mas não mandem em nós.”
- ✓ Quando um líder nos guia pela força excessiva nos revoltamos; mas quando ele se torna um submisso cumpridor de ordens e não usa critério próprio, então ele realmente não é um líder;
- ✓ Tolerância, responsabilidade, flexibilidade e visão são atributos que os líderes de serviço de A.A., precisam ter em todos os níveis de nossa atividade.
- ✓ Quando falamos de liderança em A.A. devemos selecionar no intuito de obter o melhor talento que pudermos encontrar;
- ✓ Todos os padrinhos são necessariamente líderes.



A TRADIÇÃO DE A.A. COMO SE DESENVOLVEU¹

Neste livrete o companheiro Bill W. mostra o início e o desenvolvimento dos princípios essenciais para a unidade e sobrevivência de Alcoólicos Anônimos.

A questão central deste tema é *como nós, membros de A.A. preservaremos melhor nossa unidade?*

Os laços que nos unem, precisam ser muito mais fortes do que as forças que nos dividiriam se pudessem. A unidade é essencial para a nossa segurança.

Quatro condições básicas são aqui apresentadas para que possamos a cumprir a nossa missão como irmandade que tem por finalidade transmitir uma mensagem que possibilite a recuperação do alcoólico que ainda sofre:

1ª - Como membros de A.A, cada um de nós conseguir recusar prestígio público e renunciar a qualquer desejo de influência pessoal;

2ª - Se como movimento, insistimos em permanecer pobres, a fim de evitar disputas a respeito de grande propriedade e sua administração;

3ª - Se rejeitarmos sempre todas as alianças políticas, sectárias ou quaisquer outras, evitando assim a divisão interna e a notoriedade pública;

4ª - Se como movimento, continuarmos sendo uma entidade espiritual, interessada somente em levar nossa mensagem aos companheiros sofredores, sem recompensa ou obrigação.

¹ A Tradição de A.A. Como se desenvolveu – por Bill W., JUNAAB; São Paulo 1991.

Atitudes e práticas que têm desmoralizado outras formas de sociedades humanas seriam um risco para A.A porque poderiam atingir de morte a unidade tão vital para nós.

A unidade de A.A. não pode se preservar automaticamente e assim como na recuperação, temos que sempre trabalhar para mantê-la, eis alguns requisitos necessários: *honestidade, humildade, mente aberta, altruísmo e, acima de tudo vigilância.*

Em determinado momento percebemos a necessidade de trabalhar e viver juntos —conviver.

Cada membro deve tomar consciência de tendências perturbadoras que nos põem em perigo como um todo. Aqui vale a pena uma reflexão, será que nos dias atuais ainda corremos esse risco? Assim como os defeitos pessoais põem em risco a sobriedade e paz de espírito do indivíduo, a quebra da unidade ameaça de morte a irmandade de Alcoólicos Anônimos.

Os “Doze Pontos da Tradição de A.A.” constituem nossa primeira tentativa para estabelecer princípios sólidos da conduta de grupo e relações públicas. Nesta ocasião as Doze Tradições já se mostravam sólidas o suficiente para se tornar **o guia básico e a proteção para A.A.** (*grifo nosso*) Devemos aplicar as Tradições tão seriamente à vida do grupo como fazemos com os Doze Passos de recuperação para nós mesmos.

Unidade permanente para que possamos aliviar o sofrimento daqueles que ainda estão por se unir a nós em busca da liberdade pessoal que um dia alcançamos.

Ninguém inventou Alcoólicos Anônimos. Ele brotou. Por ensaio e erro tem produzido uma rica experiência. Tentamos e erramos, tentamos e erramos e com isto adquirimos uma rica experiência, que nos foi legada, porque alguém teve a humildade de deixar escrito para nós, primeiro como norma de procedimento e depois como tradição.

Mas nesta hora foi colocado um aviso de prudência “não deveríamos ser por demais rígidos; a letra pode matar o espírito”. Para isto evitamos as pequenas regras e proibições; o falso orgulho de pensarmos que tínhamos dito a última palavra; a tentação de impor nossas rígidas regras aos alcoólicos, sob a ameaça de deixá-los de fora. Isso seria impedir o crescimento e desenvolvimento de Alcoólicos Anônimos.

As lições aprendidas com as nossas experiências valem muito. Adquirimos durante esses anos um grande conhecimento do problema de conviver —viver e trabalhar juntos. Se conseguirmos isto de forma permanente, então, e somente então, nosso futuro estará assegurado.

Depois da libertação da calamidade pessoal que não mais os escravizava, a maior preocupação dos nossos membros mais antigos passou a ser o futuro de Alcoólicos Anônimos. Neste momento, aqui reunidos, buscamos certamente, a resposta para a pergunta: “*como **preservar** entre nós A.As., essa **poderosa unidade** para que nem a fraqueza das pessoas, nem a tensão e disputa desses tempos modernos possam prejudicar a nossa causa comum?*” (*grifos nossos*)

Já naquela ocasião e, infelizmente ainda hoje, falávamos em nossos problemas de grupo. Basicamente esses problemas foram assim definidos:

- a) relações de uns membros com os outros;
- b) relações do grupo com o mundo exterior;
- c) a relação do grupo com Alcoólicos Anônimos como um todo;
- d) o lugar que Alcoólicos Anônimos ocupa na sociedade moderna;
- e) a relação do grupo com a estrutura de Alcoólicos Anônimos;
- f) a nossa atitude – membros e grupos -com relação a liderança, dinheiro e autoridade.

O futuro de A.A pode muito bem depender de como sentimos e atuamos a respeito das coisas que são sujeitas a controvérsia e como consideramos as nossas relações públicas.

Ao final dessas considerações de suma importância para a existência de Alcoólicos Anônimos chegou-se àquela época a duas indagações vitais para a definição do conjunto de princípios que hoje norteiam e balizam a nossa convivência representando, ainda, a garantia da preservação de Alcoólicos Anônimos.

- Será que já adquirimos experiência suficiente para apresentar normas de procedimentos bem definidas sobre essas questões preponderantes para nós?
- Podemos agora estabelecer os princípios gerais que poderiam levar às tradições vitais —**tradições mantidas no coração de cada A.A por sua própria convicção profunda e pelo consentimento comum de seus companheiros?** (*grifo nosso*)

Essa é a questão. Apesar de que respostas completas para todas as nossas dúvidas possam nunca ser encontradas, tenho certeza, disse Bill W., tenho certeza que chegamos finalmente a uma posição vantajosa, de onde

podemos vislumbrar os principais contornos de um corpo de tradição que, se Deus quiser, pode permanecer como um **eficiente vigilante** contra todas as destruições de tempo e circunstâncias. (*grifo nosso*)

Finalmente, Bill W. expressa o sentimento dos membros da época ao assentarem os trilhos que evitaram que a locomotiva chamada Alcoólicos Anônimos descarrilasse e não conseguisse atingir o seu único e primordial objetivo, ou seja, a transmissão de sua mensagem. Eis na íntegra o trecho que marca a entrega das tradições à nossa irmandade:

*“Atuando de acordo com o desejo persistente dos velhos amigos de A.A. e com a convicção de que agora é possível **um entendimento e acordo geral entre nossos membros, arriscarei colocar em palavras estas sugestões para uma Tradição de Relações de Alcoólicos Anônimos —Doze Pontos para assegurar nosso futuro.**”*

AS TRADIÇÕES NA FORMA INTEGRAL

A experiência de A.A. nos tem ensinado que:

1ª Cada membro de Alcoólicos Anônimos é apenas uma pequena parte de um grande todo. A.A. precisa continuar a viver ou a maioria de nós certamente morrerá. Portanto nosso bem-estar comum vem em primeiro lugar. Mas o bem-estar individual vem logo depois.

2ª Para os objetivos de nosso grupo, há somente uma autoridade final - um Deus amantíssimo, como pode expressar-se em nossa consciência coletiva.

3ª Nossa Irmandade deve incluir todos os que sofrem do alcoolismo. A condição para tornar-se membro não deve nunca depender de dinheiro ou formalidade. Dois ou três alcoólicos quaisquer reunidos em busca de sobriedade podem se autodenominar um grupo de A.A., desde que como grupo não possuam qualquer outra afiliação.

4ª Com respeito a seus próprios assuntos, nenhum grupo de A.A. está sujeito a autoridade alguma além de sua própria consciência. Quando porém, seus planos interferirem no bem-estar de grupos vizinhos, estes devem ser consultados. E nenhum grupo, comitê regional ou membro como indivíduo deve tomar qualquer atitude que possa afetar seriamente A.A. como um todo, sem consultar os custódios da Junta de Serviços Gerais. Em tais questões, nosso bem-estar comum tem absoluta primazia.

5ª Cada grupo de Alcoólicos Anônimos deve ser uma entidade espiritual com um único propósito primordial - o de levar sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre.

6ª Problemas de dinheiro, propriedade e autoridade podem facilmente nos afastar de nosso objetivo espiritual primordial. Acreditamos, portanto, que quaisquer bens de valor considerável, de real utilidade a A.A. devem ser incorporados e administrados separadamente, fazendo-se assim uma divisão entre material e espiritual. Um grupo de A.A., como tal, jamais deve dedicar-se ao comércio. Entidades secundárias de auxílio a A.A., tais como clubes ou hospitais, que requeiram muitos bens materiais e muita administração devem ser incorporadas, de forma que, se necessário, possam os grupos livremente descartarem-se deles. Tais instituições não deveriam, portanto, usar o nome de A.A. Sua administração deve ser exclusiva responsabilidade das pessoas que as financiam. Para os clubes, são em geral preferíveis gerentes que sejam membros de A.A. Mas os hospitais e outros locais de recuperação devem, porém, ficar afastados de A.A. e ter supervisão médica. Embora um grupo de A.A. possa cooperar com quem quer que seja, tal cooperação nunca deve chegar ao ponto de filiação ou endosso, real ou implícito. Um grupo de A.A. não pode vincular-se a ninguém.

7ª Os grupos de A.A. devem ser inteiramente autofinanciados pelas contribuições voluntárias de seus próprios membros. Acreditamos que cada grupo deve atingir, em pouco tempo, esse ideal; que qualquer solicitação de fundos usando-se o nome de A.A. é altamente perigosa, seja ela feita por grupo, clubes, hospitais ou outros agentes exteriores; que a aceitação de grandes donativos de qualquer fonte ou de contribuições que acarretem quaisquer obrigações é desaconselhável. Vemos ainda com muita preocupação aquelas tesourarias de A.A. que continuam a acumular além da reserva prudente, fundos sem um propósito específico. A experiência tem nos demonstrado, frequentemente, que nada pode destruir nosso patrimônio espiritual com tanta certeza, como as discussões fúteis sobre propriedade, dinheiro e autoridade.

8ª Alcoólicos Anônimos deveria manter-se sempre não-profissional. Definimos profissionalismo como o emprego do aconselhamento a alcoólicos em troca de honorários ou salário. Todavia podemos empregar alcoólicos pra desempenhar aquelas funções para as quais, em outras circunstâncias, teríamos que contratar não-alcoólicos. Mas nosso trabalho habitual de Décimo Segundo Passo de A.A. jamais deve ser pago.

9ª Cada grupo de A.A. necessita da menor organização possível. A forma rotativa da liderança é a melhor. O grupo pequeno pode eleger um secretário; o grupo grande seu comitê rotativo e os grupos de uma ampla região metropolitana seu comitê central ou intergrupar, o qual frequentemente emprega um secretário em tempo integral. Os Custódios da Junta de Serviços Gerais de A.A. se constituem na realidade, em nosso Comitê de Serviços Gerais de A.A.. São eles os guardiões de nossa Tradição de A.A. e os depositários das contribuições voluntárias dos A.As, através dos quais mantemos nosso Escritório de Serviços Gerais em Nova York. Eles são autorizados pelos grupos a cuidar de nossas relações públicas em geral e garantem a integridade de nosso principal órgão de divulgação: a revista A.A. Grapevine. Todos esses representantes tem suas ações guiadas pelo espírito de serviço, pois os verdadeiros líderes em A.A. são apenas servidores experientes e de confiança da Irmandade. Seus títulos não lhes conferem nenhuma autoridade real e eles não governam. O respeito universal é a chave para sua utilidade.

10ª Nenhum grupo ou membro de A.A. deve jamais expressar, de forma a envolver A.A., qualquer opinião sobre assuntos controversos externos - particularmente política, medidas de combate ao álcool ou religião sectária. Os grupos de A.A. não se opõem a nada. Com respeito a tais assuntos, eles não podem expressar qualquer opinião.

11ª Nossas relações com o público em geral devem caracterizar-se pelo anonimato pessoal. Acreditamos que A.A. deve evitar a publicidade sensacional. Nossos nomes e fotografias, como membros de A.A., não devem ser divulgados pelo rádio, filmados ou publicamente impressos. Nossas relações públicas devem orientar-se pelo princípio da atração e não da promoção. Nunca há necessidade de elogiarmos a nós mesmos. Achamos melhor deixar que nossos amigos nos recomendem.

12ª Finalmente, nós de Alcoólicos Anônimos acreditamos que o princípio do anonimato tem uma enorme significação espiritual. Lembra-nos que devemos colocar os princípios acima das personalidades; que devemos realmente conduzir-nos com genuína humildade. Isto para que as nossas grandes bênçãos jamais nos corrompam, a fim de que vivamos para sempre e grata contemplação d' Aquele que reina sobre todos nós.

Arrozal, 30/10 a 01/11/2009.

Uma Declaração de Unidade

O futuro de A.A. depende de ser colocado, em primeiro lugar, o nosso bem-estar comum, a fim de manter a nossa Irmandade unida. Da unidade de A.A. dependem as nossas vidas e as vidas daqueles que virão.

SÍNDROME DE DEPENDÊNCIA DO ÁLCOOL-ALCOOLISMO

Dr. Laís Marques da Silva
Ex-custódio e Ex-presidente da JUNAAB

Em Alcoólicos Anônimos o que importa não é o alcoolismo, mas sim o alcoólico. Não se fazem estudos ou pesquisas sobre o alcoolismo mas dedicam-se todas as atenções e cuidados às pessoas que sofrem dessa doença. É o ser humano, é o doente que importa.

Além do mais, a Irmandade resolve o problema do diagnóstico de uma forma adequada. Ninguém faz diagnóstico, ninguém rotula ninguém mas, depois de algum tempo de convivência com membros do grupo de A.A. e chegando às suas próprias conclusões diante do que viu e ouviu nas reuniões, é o próprio alcoólico que decide ser ou não um membro do grupo e é também ele quem diz se é ou não um alcoólico. Mas as pessoas, depois de passarem por tratamentos médicos e ao se reconhecerem como alcoólicos, passam, como é natural, a ter um interesse, uma curiosidade em relação à sua doença. Desejam conhecer um pouco acerca do alcoolismo.

A palavra alcoolismo foi usada pela primeira vez em 1849 pelo médico sueco Magnus Huss no seu trabalho “Alcoolismo Crônico”, expressão essa que se tornou o modo corrente de tratar os que apresentavam embriagues habitual, chamados a partir daí de alcoólatras, alcoólicos ou alcoolistas. Bebem repetida e excessivamente bebidas alcoólicas com prejuízos para si mesmos e para outras pessoas sendo que os danos se expandem para áreas tão diferentes como mentais, econômica, sociais, legais, etc.

Por ser o controle voluntário muito pequeno e o beber compulsivo, o alcoolismo é considerado como adição e como doença. Daí que, numa visão simples, é tido como sendo a doença que resulta do beber compulsivo e crônico.

No entanto, do ponto de vista farmacológico e fisiológico, o alcoolismo é entendido como uma adição química que leva à necessidade de beber doses crescentes para produzir os efeitos desejados ou aliviar o desconforto da abstinência e que pode resultar na síndrome de abstinência quando esse beber é interrompido. Mas, diferentemente da adição que ocorre pelo uso de outras drogas, nem sempre o alcoólico necessita de doses crescentes da substância. Por outro lado, o alcoólico desenvolve graus variáveis e baixos de tolerância ao álcool de modo que a dose letal, aquela que leva à morte, só ocasionalmente pode ser alcançada ou ultrapassada

Do ponto de vista do comportamento, o alcoolismo é uma desordem em que o álcool se torna muito importante na vida de uma pessoa que experimenta a perda de controle em relação ao seu beber. Aí, com dependência ou não, o consumo do álcool é suficientemente intenso para causar problemas físicos, mentais, sociais, econômicas, legais, etc. A desordem é entendida como doença porque persiste por anos, é fortemente hereditária, progressivamente incapacitante e importante causa de morte. O álcool compromete a livre decisão de beber ou não e de quando parar. Ainda, diferentemente da maioria dos maus hábitos, a força de vontade vale pouco em relação ao álcool.

Do ponto de vista sociológico, o alcoolismo é tido como um desvio social mas, ele deveria desaparecer com a maturidade, como ocorre em muitas outras formas de desvio social, mas isso não acontece com o alcoolismo. Como é quase impossível submeter todo um grande grupo de indivíduos a estes o entendimento do alcoolismo pode ficar por conta da quantidade e da frequência em que é ingerido, pelo número de internações relacionadas ao álcool, pela frequência de mortes por cirrose ou por prisões decorrentes de mau comportamento relacionado com o uso de álcool.

É preciso ainda discernir três condições diferentes: o uso do álcool, o abuso e a dependência. Abusa do álcool aquele que tem um comportamento social desviante em relação ao seu consumo, que bebe regularmente e, o mais importante, que apresenta problemas de saúde, além de sociais e/ou profissionais em consequência da ingestão do álcool. O abuso pode evoluir para a dependência e aí encontraremos a compulsão para a ingestão de álcool a fim de experimentar os seus efeitos ou para evitar o desconforto da sua falta. Aqui, na dependência, também são importantes os componentes sociais e comportamentais e, mais ainda, os componentes biológicos e psíquicos traduzidos na tolerância e na compulsão, respectivamente. Nos conceitos de abuso do álcool e na síndrome de dependência do álcool está o que é entendido por alcoolismo. A psicose alcoólica, a cirrose hepática, a gastrite alcoólica, etc, ficam como complicações. Em rápidas palavras, beber sem problemas traduz o beber social, beber com problemas se constitui no abuso do álcool e beber com problemas e apresentando a dependência química caracteriza a Síndrome de Dependência do Álcool.

Acontece que um alcoólico na ativa pode procurar um médico porque está tendo problemas sexuais e para ele alcoolismo pode ser a perda de potência. Para a sua mulher, que foi espancada, o alcoolismo está ligado ao espancamento. Quando, por essa razão, ela o leva ao hospital e lá o médico faz vários testes e as provas de funções hepáticas se mostram alteradas, a enzima gama glutamil transferase se encontra elevada e o volume dos glóbulos vermelhos está aumentado, o médico o considera um alcoolista em face do quadro clínico e dos exames complementares realizados. Já um pouco melhor, no dia seguinte, o paciente sai dirigindo alcoolizado e os vizinhos dizem que ele é um alcoólico porque dirige alcoolizado. Então, afinal, o que é o alcoolismo?

Do ponto de vista da quantidade de bebida consumida, uma pessoa com 100 quilos pode beber uma grande quantidade de bebida alcoólica sem apresentar muitas manifestações, mas a mesma quantidade de bebida seria catastrófica para uma pessoa com pouco peso e epilética ou ainda para um piloto de avião com uma úlcera no estômago. Um taberneiro francês que beba mais

de dois litros de vinho por dia pode não ser considerado um alcoólico pelos seus parentes e amigos próximos, mas será visto como portador de alcoolismo por um membro da família que seja israelita. Então o que vale não é a quantidade da bebida ingerida mas os sintomas que resultam.

Por outro lado, uma pessoa pode ter um problema emocional e passar a beber diariamente por um tempo e ficar preocupada com o alcoolismo enquanto que outra pessoa pode beber despreocupada pela vida a fora até que surja uma grave insuficiência hepática. Quem bebe, por algum problema específico, freqüentemente permanece capaz de controlar o uso do álcool, embora relate uma dependência psicológica, o que não ocorre com as pessoas que abusam do álcool.

Para complicar ainda mais as coisas, uma pessoa que estude a literatura sobre o alcoolismo fica com a idéia de que ele é também um problema econômico, psicológico, fisiológico ou ainda social, isso para excluir outros aspectos do problema.

A Organização Mundial de Saúde declarou que o alcoolismo é doença em 1951 ou, mais exatamente, certas formas de alcoolismo. Mas, de modo oficial, também declararam que o alcoolismo é uma doença as seguintes associações: a Associação Médica Americana, a Associação Americana de Psiquiatria, a Associação Americana de Saúde Pública, a Associação Americana de Hospitais, a Associação Americana de Psicologia, a Associação Nacional de Assistentes Sociais e o Colégio Americano de Médicos.

A dependência do álcool pode ser tomada como sinônimo de "adição alcoólica", como "dependência fisiológica", como o alcoolismo gama de Jellineck ou ainda e simplesmente entendida como alcoolismo.

Os critérios médicos para definir a doença do alcoolismo se baseiam nas complicações médicas e nos sintomas resultantes do beber, enquanto que os problemas sociais são mais enfatizados em outras classificações. O fato é que existe uma forte correlação entre a síndrome de dependência do álcool e as incapacidades sociais que ele ocasiona. Os parâmetros que definem o modelo médico têm correlação com os desvios sociais. Isso quer dizer que médicos e sociólogos estão falando da mesma síndrome. No entanto, nem sempre a abstinência do álcool se acompanha da recuperação social. O alcoolismo não é só um problema médico em si mas também inclui todo um conjunto de situações que resultam do beber continuado.

Mas como penetrar nesta floresta, que linhas e direções podem facilitar a compreensão do que seja o alcoolismo? Talvez a idéia mais fácil e curta seja a do Conselho Nacional de Alcoolismo dos Estados Unidos da América do Norte: "A pessoa portadora de alcoolismo não pode, de maneira segura e consistente, predizer, em qualquer ocasião em que beber, o quanto vai beber e durante quanto tempo".

Como veremos em seguida, não é a especificidade de um problema que define o que o que é entendido como alcoolismo mas sim o número e a freqüência dos problemas relacionados com o uso do álcool. De uma maneira geral, todos os sintomas têm igual valor. Em outros termos, o diagnóstico do alcoolismo é feito pela variedade dos problemas relacionados com o álcool e não pela especificidade dos problemas. Nenhum sinal ou sintoma define, isoladamente, o alcoolismo.

As coisas ficam mais claras quando abordamos a síndrome a partir dos estudos do Prof. Dr. Griffith Edwards, da Universidade de Londres, que propôs uma descrição da síndrome a partir de sete parâmetros:

1. empobrecimento do repertório,
2. maior importância da bebida,
3. aumento da tolerância ao álcool,
4. aparecimento da síndrome de abstinência,
5. prevenção ou alívio da síndrome de abstinência pela ingestão de mais bebida,
6. percepção subjetiva da compulsão para beber e
7. reinstalação do quadro após um período de abstinência.

1. O empobrecimento do repertório se traduz em ir fixando o tipo de bebida, a freqüência, as ocasiões em que é ingerida, em de beber mais rapidamente e em quantidades maiores a ponto de esse fato ser notado pelas pessoas mais próximas, em beber sozinho.

2. O beber vai ganhando prioridade maior em relação às atividades com a família e com os amigos, em relação à vida profissional e ao próprio corpo. As outras fontes de gratificação vão esmaecendo e a bebida vai ficando cada vez mais importante. O comportamento vai mudando em

função da bebida. Trajetos organizados, freqüência a compromissos sociais em que se faz uso da bebida alcoólica, etc.

3. Em consequência do aparecimento da tolerância, doses cada vez maiores são necessárias para alcançar os mesmos efeitos desejados. Com as doses maiores, vêm também efeitos tóxicos mais intensos. Há casos de dependência avançada em que ocorre o fenômeno inverso, isto é, o paciente se embriaga com doses pequenas, que antes eram bem toleradas.

Estes três parâmetros se instalam ao longo do tempo.

4. A síndrome de abstinência talvez seja a mais importante manifestação da dependência. Nela ocorrem, ao acordar, usualmente pela manhã: tremores, suores, náuseas acompanhadas ou não de vômitos, ansiedade, agitação, etc. Nos casos mais severos, o paciente pode sofrer alucinações auditivas e visuais ou ainda apresentar convulsões e evoluir para o quadro de "delirium tremens". A síndrome da abstinência revela a condição de dependência em relação ao álcool e se instala em função dos níveis baixos de álcool no sangue, sendo essa a razão pela qual costuma aparecer pela manhã, ao despertar, após serem passadas algumas horas sem a ingestão de bebidas.

5. Os sintomas de abstinência podem ser evitados ou aliviados pela ingestão de mais álcool. É o gole matinal.

6. Compulsão para beber. É entendida como sinônimo de perda de controle. Pode haver uma perda de controle ou uma desistência do controle.

7. A reinstalação, após um período de abstinência, implica na volta rápida do quadro de tolerância ao álcool. Isso pode ocorrer após anos de abstinência. Quanto maior o grau da dependência anterior, mais rápida é a reinstalação da tolerância. É uma espécie de "memória bioquímica" que permanece no organismo. É como se diz em A.A., o doente recomeça de onde terminou.

TERCEIRA TRADIÇÃO - ABAIXO OS PRECONCEITOS

ESTÁ HAVENDO DISCRIMINAÇÃO EM A.A.?

Em 1939 a primeira edição do livro "Alcoólicos Anônimos" já firmava as bases do que viria a ser uma das nossas mais queridas Tradições, quando dizia: "O único requisito para ser membro é o desejo sincero de deixar de beber. (...) Simplesmente almejamos ajudar os afligidos por esse mal."

Assim sendo, com o passar do tempo este princípio mostrou-nos que Alcoólicos Anônimos nunca deveria ser exclusivo, não deveria excluir ninguém. Pelo contrário, deveríamos ser sempre inclusivos devendo, portanto incluir todos aqueles que nos procuram em busca de solução para o seu alcoolismo. Para alcançar este propósito a experiência de A.A. nos ensinou que não devemos ter regras para o ingresso na irmandade, que um único requisito precisa ser atendido, o desejo de abandonar a bebida.

Este entendimento hoje bem sedimentado entre nós, porém não é ainda suficientemente forte ou não foi devidamente aprofundado para entendermos que a aplicação da Terceira Tradição vai além da chegada do membro pela primeira vez em uma sala de reuniões de A.A. Senão vejamos:

"Discriminação: *Tratamento pior ou injusto dado a alguém por causa de características pessoais; intolerância, preconceito.*

*Ato que quebra o princípio de igualdade, como **distinção, exclusão, restrição ou preferências**, (o grifo é nosso) **motivado por raça, cor, sexo, idade, trabalho, credo religioso ou convicções políticas.** (Dicionário Houaiss da língua portuguesa)"*

Duas definições para a palavra discriminação. Ao aceitarmos a Terceira Tradição como permanente norma de procedimento para o recebimento de novos membros, conseguimos suplantarmos o contido na primeira definição. Quanto à segunda, precisamos levar em consideração algo ali contido e para nós de fundamental importância o *princípio da igualdade*. No livro "Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade" na página 87 existe um alerta sobre este princípio quando diz "*As Tradições garantem a igualdade de todos os membros...*"

Atualmente nos deparamos em Alcoólicos Anônimos com alguns costumes que nos trazem preocupações quanto à quebra do princípio da igualdade entre nós. À luz desse princípio vejamos alguns procedimentos que contêm características discriminatórias.

RESTRIÇÃO → *Livro de Assinaturas* - ao criar constrangimento a membros ou visitantes que não saibam assinar, pode restringir a sua participação nas reuniões.

EXCLUSÃO → *Reunião fechada só para membros ou pessoas que tenham problemas com a bebida* – exclui aqueles que nos procuram “pela mera suspeita de que possa ser um alcoólico”. (A Tradição de A.A. Como se Desenvolveu – pág. 16)

DISTINÇÃO → *Fichas por ingresso ou tempo de sobriedade* – atinge profundamente o princípio de que o programa “é só por hoje”, ao evidenciar a distinção por tempo de permanência em A.A.

DISTINÇÃO / PREFERÊNCIAS → *Festa por tempo de abstinência alcoólica* – transformam-se em verdadeiras homenagens, que vão de encontro ao objetivo do programa que é o desinflar do ego. Criam a tendência de privilegiar-se aquele ou aqueles que possam oferecer grandes “festas” em detrimento dos que não podem fazê-lo.

DISTINÇÃO → *Aplausos e palmas* – privilegiam alguns com a maior ou menor intensidade da ovação.

EXCLUSÃO → *Orações e preces em conjunto realizadas no início ou final das reuniões* – excluem aqueles que não são religiosos, quebrando o princípio de que a prática do Programa é individual.

DISTINÇÃO / EXCLUSÃO / RESTRIÇÃO / PREFERÊNCIAS → *Lista de Contribuições, Rifas e GAF (Grupo de Apoio Financeiro)* – criam *distinção* ao privilegiar os que podem contribuir com maiores quantias, *excluem* os que não têm condições financeiras para participarem dessas práticas, *restringem* a participação dos que o fazem apenas na sacola anônima e voluntariamente como prevêm os princípios e criam a tendência de dar-se *preferência* aos que contribuem com mais.

DISTINÇÃO / RESTRIÇÃO → *Aquisição ou construção de sede própria* – cria distinção ao tornar os membros que a construíram “benfeitores de A.A.”; o fato não terem contribuído para a construção de tal sede, torna-se uma restrição àqueles que chegam depois, porque neste aspecto jamais serão iguais aos que lá já estavam quando da construção ou aquisição da mesma. Além de constituir-se numa violação flagrante da Sexta Tradição e da Garantia Dois do Conceito Doze.

Por tudo isto, somos levados a refletir a respeito da importância da obediência aos princípios de nossa irmandade. Quando deles nos afastamos colocamos em risco as nossas vidas e a daqueles que ainda estão por vir. A Terceira Tradição visa tornar possível o ingresso e a permanência de qualquer alcoólico em nossa irmandade. Ao chegar e ao retornar cada dia às salas de A.A., que a única identificação requerida seja a mínima que de imediato nos identifica “sou um alcoólico” que juntamente com a expressão “hoje eu não bebi” torna o indivíduo participante com todos os direitos que as Tradições lhe garantem e mais do que isso, cria a indispensável igualdade que nos une em torno de um propósito comum —a busca da sobriedade pela Recuperação.

Se buscarmos nos princípios de Alcoólicos Anônimos as soluções espirituais que comprovadamente funcionam, estaremos livres das ameaças que poderiam por em risco o nosso futuro.

Quando as Tradições pedem a cada indivíduo, cada grupo e a cada setor de A.A. que ponham de lado todos os seus desejos, ambições e ações inconvenientes, elas nos lembram “que a unidade é tão vital para nós membros de A.A., que não podemos nos arriscar tomando aquelas atitudes e práticas que têm às vezes desmoralizado outras formas de sociedade humana”.

A Terceira Tradição na sua forma integral alerta - *Nossa experiência em Alcoólicos Anônimos nos ensinou que:*

Nossa Irmandade deve incluir todos os que sofrem do alcoolismo . Não podemos, portanto, recusar quem quer que deseje se recuperar. A condição para tornar-se membro não deve nunca depender de dinheiro ou formalidade. Dois ou três alcoólicos quaisquer reunidos em busca da sobriedade podem se autodeterminar um grupo de A.A., desde que como grupo não possuam qualquer outra afiliação.”

Bibliografia:

Os Doze Passos e as Doze Tradições

Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade

A Tradição de A.A. Como se Desenvolveu – Por Bill W.

Relatório Final da XXVI Conferência de Serviços Gerais

Dicionário Houaiss da língua portuguesa

APADRINHAMENTO EM SERVIÇO

O apadrinhamento em A.A. é basicamente o mesmo, seja ao ajudar na recuperação de uma pessoa ou prestar serviço ao Grupo. Pode-se defini-lo como um alcoólico que fez um determinado avanço na recuperação e/ou no desempenho de um serviço e partilha essas experiências com outro alcoólico iniciando a jornada. Ambos os tipos de serviço surgem dos aspectos espirituais do programa.

Os indivíduos talvez sintam ter mais a oferecer em uma área que em outra. É da responsabilidade do padrinho apresentar os vários aspectos dos serviços: providenciar uma reunião, trabalho em comunidades, participação em Conferências, etc. Nesse assunto, é importante que o padrinho de serviços ajude os indivíduos a compreender a diferença entre servir às necessidades da irmandade e atender às necessidades pessoais de outro membro do Grupo.

O padrinho de serviços começa estimulando o membro a se tornar ativo em seu Grupo: café, literatura, limpeza, presença nas reuniões de serviços ou nos Escritórios de Serviços Locais, etc. O padrinho de serviço deve ter em mente que nem todos os membros têm o desejo ou as qualificações para ir além de certos níveis e, assim, ele pode ajudar a encontrar tarefas adequadas às habilidades e interesses de cada um. Todos os serviços têm a mesma finalidade — compartilhar as responsabilidades gerais de Alcoólicos Anônimos.

Eventualmente, o padrinho de serviços estimula os companheiros interessados nessas atividades a freqüentar reuniões de Distrito e ler a respeito da história e estrutura de Alcoólicos Anônimos. A essa altura, o indivíduo que se inicia nesse trabalho começa a compreender as responsabilidades dos serviços, bem como a sentir a satisfação proporcionada por outra forma de trabalho do Décimo Segundo Passo. Essas pessoas são estimuladas a participar ativamente das atividades distritais e a considerar a sua eleição para cargos alternativos no Distrito, de maneira que possam aprender sobre as diversas responsabilidades das diversas atividades na estrutura de serviços.

Durante esse processo, é importante para a pessoa continuar a aprender sobre os Três Legados — Recuperação, Unidade e Serviço — e compreender que o princípio da rotatividade não só permite mudar a atividade de serviço, como também concede aos membros mais novos os privilégios de servir. A rotatividade também permite entender que ninguém deve se apegar durante muito tempo a um cargo de confiança, a ponto de sentir um interesse possessivo e, portanto, desencorajar os novatos quanto a prestar serviços.

Agora, através do conhecimento e da experiência, o membro mais novo estará ciente de que os serviços são o nosso produto mais importante, depois da sobriedade. Munido desse conhecimento, o indivíduo é capaz de compartilhar a sua visão com os outros e garantir o futuro de Alcoólicos Anônimos.

(Extraído do livrete Perguntas & Respostas sobre Apadrinhamento)

Rio de Janeiro, 04 de dezembro de 2005



ATRAÇÃO X PROMOÇÃO

O PONTO DE PARTIDA

Na década de 1950, Bill W. recebeu um convite que, a princípio, pareceu-lhe tentador: ser a matéria de capa da revista semanal americana *Time*, estampando a parte de trás de sua cabeça e constando a história de sua vida associada à de Alcoólicos Anônimos. Certamente que tal acontecimento seria capaz de divulgar nossa Irmandade nos quatro cantos do mundo, pois essa publicação já tinha, naquela época, renome internacional. Mas Bill W. não aceitou a oferta, mesmo tendo consciência de que estaria impondo a vários sofrendores da doença do alcoolismo a continuação de seu sofrimento ou – quem poderá saber! – “*uma sentença de morte para alguns bêbados.*”(1) Bill sabia, contudo, que se aceitasse tal proposta estaria abrindo um precedente perigoso, ao transgredir um de nossos princípios já estabelecidos: o da **atração em vez da promoção**.

Nos primeiros anos de existência da Irmandade de Alcoólicos Anônimos, havia o temor de que alguém ou algum evento externo viesse abalar a ainda incipiente irmandade, que a custo buscava existir, ou seus primeiros membros, há muito pouco tempo abstêmios. Quando da publicação do Livro Alcoólicos Anônimos (em 1939), temia-se uma enxurrada de pedidos de ajuda à recém-criada Fundação do Alcoólico, que não pudessem ser respondidos a contento ou que viessem a expor publicamente os companheiros e suas famílias. Em artigo publicado na Revista *Grapevine*, o próprio Bill relata aqueles momentos:

“No livro *Alcoólicos Anônimos*, há somente três referências ao princípio do anonimato. O prefácio de nossa primeira edição afirma: “A quebra do anonimato poderia prejudicar as nossas atividades profissionais, visto sermos homens de negócio ou de profissão liberal, logo recomendamos a todos os nossos companheiros que, ao escrever ou falar para o público sobre alcoolismo, omitam seus nomes, designando-se simplesmente, como membros de Alcoólicos Anônimos”. E depois: “Encarecidamente solicitamos também aos homens de imprensa que observem esse pedido, pois de outro modo seríamos muito prejudicados”. (2)

Fato decisivo para a divulgação da irmandade foi a publicação, em 1941, do artigo de Jack Alexander, no *Saturday Evening Post*, revista de circulação nacional que gozava, àquela época, de grande prestígio junto ao público norte-americano. Credita-se a este artigo o grande crescimento do número de membros de nossa irmandade no

período de um ano – de dois mil para oito mil membros, um aumento de seis mil em relação a 1940. (3)

Até então tínhamos dificuldade na divulgação da mensagem, haja vista, o fato de que o Livro Alcoólicos Anônimos escrito com esta finalidade — de ser uma abordagem — ter sido um fracasso de venda ao contrário do que nossos pioneiros esperavam. Com esta divulgação e a conseqüente propagação da mensagem, o quadro reverteu-se e Alcoólicos Anônimos cresceu de uma forma, pode-se dizer, galopante. Desta forma, a primeira metade dos anos 40 foi dedicada à divulgação da Irmandade. Porém, paradoxalmente, vimo-nos envolvidos num dilema que quase nos paralisou, precisávamos da imprensa para que o movimento se tornasse conhecido, mas ao mesmo tempo temíamos que esta exposição nos levasse de volta às inevitáveis quebra do anonimato. Decidimos então não fornecer os nomes completos ao ser entrevistados pelos órgãos de imprensa, ainda que, com fundado receio de que esse posicionamento causasse uma sensível diminuição do interesse da mídia por nós.

Entretanto, esses e outros acontecimentos resultaram na boa vontade da imprensa com nossa Irmandade fazendo diminuir, mesmo que brandamente, o estigma social do alcoolismo, embora, paralelamente, surgisse um novo problema: “... *alguns membros de A.A. começaram a admitir publicamente sua afiliação para a mídia. Um dos primeiros a fazer isso foi um famoso jogador de beisebol, cuja volta era tão espetacular que a imprensa dava exagerada atenção ao sucesso de sua luta contra o álcool. Acreditando que pudesse ajudar A.A., revelando sua adesão à Irmandade, ele falava dela abertamente.*” (4) A essa quebra de anonimato no nível da mídia seguiram-se inúmeras outras, que tanto estavam imbuídas de boas intenções quanto de má-fé; tanto tinham como objetivo tornar a Irmandade mais conhecida quanto a autopromoção de alguns membros que ligavam o nome de A.A. aos mais diversos empreendimentos.

Todos esses episódios, sejam eles positivos ou negativos, foram de crucial importância para que se forjasse a 11ª Tradição de Alcoólicos Anônimos, norteadora de nossas relações públicas, quanto ao anonimato. Como escreve Bill W, no livro *A.A. atinge a maioria*:

“... os Custódios de A.A. foram autorizados a conduzir todas as nossas relações públicas, e estabeleceu-se o princípio de atração em vez de promoção como a chave de nossa relação com o mundo à nossa volta. Não é por acaso que o esboço original, na ‘forma longa’ da 11ª Tradição mantém a declaração de que ‘é melhor deixar que nossos amigos nos recomendem.’

“Foi por esse processo que a 11ª Tradição de A.A. foi desenvolvida. Para nós ela representa mais do que simplesmente uma política de relações públicas. Ela é mais do que uma negação do egoísmo. A 11ª Tradição é certamente um lembrete permanente de que a ambição pessoal não tem lugar em A.A., mas nela também está implícito que cada membro deveria se tornar um guardião ativo de nossa irmandade, em suas relações com o público em geral.” (5)

É fato que todas as Doze Tradições de Alcoólicos Anônimos são fruto de uma experiência vivida por nossos membros e grupos, que buscavam não só a manutenção imediata de nossa Irmandade mas também a sua perpetuação para as gerações vindouras, evitando-se assim equívocos cometidos por outras irmandades e associações que haviam desaparecido por diversas razões contra as quais lutamos a cada vinte e quatro horas. E essa realidade nos é transmitida desde a 1ª Tradição:

“Assim como havíamos um dia lutado e rezado pela reabilitação individual, assim também encetamos uma busca séria dos princípios através dos quais A.A. propriamente dito poderia sobreviver. A estrutura da nossa Irmandade foi forjada à custa dos ensinamentos da experiência.”(6)

Mas infelizmente para nós, membros de Alcoólicos Anônimos do Brasil, toda essa gama de princípios veiculados nas Doze Tradições chegou-nos apenas 25 anos após o início das atividades do primeiro grupo de A.A. em nosso país.

A NOSSA TAREFA

Registre-se, que muito daquilo que temos hoje no que concerne ao respeito às tradições e aos princípios que nos asseguram a existência como Irmandade devemos à realização, anualmente, da Conferência de Serviços Gerais que se sucede até o presente, e que, sem sombra de dúvida, há 36 anos vêm refletindo os anseios da consciência coletiva de nossa Irmandade no Brasil. Além disso, tomou-se a sábia decisão de atribuir-lhes temas baseados nos princípios de A.A., exatamente como a XXVIII Conferência de Serviços Gerais, realizada em 2004, e que faz referência à nossa 11ª Tradição: *a Atração em vez da promoção*.

Exemplo brilhante da prática deste princípio temos quando Bill W. negou-se a associar publicamente sua vida pessoal à de Alcoólicos Anônimos na Revista *Time*, então, ele já nos indicava a necessidade vital de que respeitássemos as tradições concernentes ao Anonimato. Esse evento constitui para nós, membros, um exemplo de humildade e abnegação, pois Bill W. conseguiu enxergar que, para o futuro da Irmandade, uma publicidade pessoal, mesmo que positiva, poderia pôr em risco a sobrevivência de A.A.. E é disto que trata a 11ª Tradição, ao colocar em pé de igualdade a necessidade de sermos humildes, mas ao mesmo tempo responsáveis pelo futuro de A. A., já que deveríamos constituir um exemplo dentro de nossos grupos, em nossas famílias, na comunidade em que vivemos e trabalhamos, e isso representa o sacrifício de nossos desejos interiores de prestígio pessoal e de renome; o sacrifício que impõe desprendimento de tudo o que venha a macular o nome e o futuro de nossa Irmandade.

Em artigo publicado na Revista *Grapevine*, Bill afirma que: *“Nada é mais importante para o futuro bem-estar de A.A. do que a maneira pela qual utilizamos o colosso dos modernos meios de comunicação. Usados bem e com altruísmo, podem produzir resultados que ultrapassem nossa imaginação. Se usarmos mal esse grande instrumento seremos destruídos pelas manifestações egoístas de nossa própria gente. Contra esse perigo, o anonimato dos membros de A.A., perante o público em geral, é nosso escudo e nossa proteção.”* (7) Este mesmo raciocínio podemos usar hoje para a Internet que através das redes sociais e demais mecanismos de comunicação que traz em seu bojo, poderá ser de inestimável valia na transmissão da mensagem, desde que, a saibamos usar em consonância com os princípios que norteiam a nossa existência enquanto instituição voltada unicamente ao seu propósito único e primordial, a transmissão da mensagem.

OS FRUTOS

Talvez nunca se tenha falado tanto de nossa Irmandade quanto nos últimos anos. Nossos amigos sejam eles médicos, psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais, profissionais da imprensa, juízes, todos eles têm reiteradas vezes recomendado as salas de A. A. como solução para a doença do alcoolismo. Os diversos meios de comunicação – emissoras de rádio e televisão, jornais, revistas têm veiculado insistentemente a mensagem de A.A. Cabe a nós, portanto, a tarefa de nos anularmos como individualidades, para que a mensagem salvadora de A.A. alcance o seu objetivo: o alcoólico que ainda sofre.

No entanto, não podemos esquecer os avisos contidos em nossa literatura, como no Conceito XI quando ao descrever as atividades do Comitê de Informações ao Público, em nossa estrutura o Comitê Trabalhando com os Outros – CTO, lembra que: “as técnicas usadas para promover uma grande personalidade ou para vender uma nova loção para cabelos não serviriam para A.A.”. Continuando afirma, ainda, que: “devemos evitar táticas agressivas de promoção” (8). No original em espanhol: “(...) sin que nos metamos com la publicidad agresiva”. (9)

No ano de 1999 a mesma Revista Time à qual Bill W. disse não, colocou-o entre as vinte pessoas que mais influenciaram o Século XX. Isto prova o quanto andamos certos ao recusar o prestígio pessoal. A atitude firme em defesa das nossas tradições será sempre a nossa salvaguarda no futuro, quanto mais nos aferramos aos nossos princípios mais Alcoólicos Anônimos é respeitado e reconhecido pela sociedade.

A Garantia Cinco do Conceito XII afirma: “é evidente que a harmonia, segurança e eficiência futuras de A.A. dependerão muitíssimo de uma atitude passiva e não agressiva em todas as nossas relações públicas”.

Toda quebra de anonimato é um precedente perigoso, que pode destruir um dos princípios basilares de A.A. Nos Doze Passos a humildade se revela como o lastro de uma recuperação permanente, para o indivíduo. Da mesma forma, esta virtude é de fundamental importância para A.A. como um todo. Portanto, a nossa experiência nos mostrou que todas as nossas relações públicas, devem nortear-se pelo princípio de atração em vez de promoção como a chave de nossa relação com o mundo.

-
- (1) *Levar adiante*, p. 342.
 - (2) *A Tradição de A.A. como se desenvolveu*, p. 56.
 - (3) *A.A. Atinge a maioria*, p. 171.
 - (4) *Entendendo o anonimato*, p.6.
 - (5) *A.A. Atinge a maioria*, p. 118
 - (6) *Os Doze Passos e as Doze Tradições*, p. 174.
 - (7) *Na opinião do Bill*, p. 255.
 - (8) *Doze Conceitos para Serviço Mundial*, p. 82.
 - (9) *El Manual de Servicio de A.A. y Doce Conceptos para el Servicio Mundial; e. 2006-2007 p. 51.*

CONCEITO I

RESPONSABILIDADE FINAL E AUTORIDADE SUPREMA NO SERVIÇO DE A.A.

- A origem da Estrutura de Serviços

- A transmissão da mensagem.

- Os objetivos da criação da Junta de Serviços Gerais:

- Iniciar e manter unidos todos os serviços especiais de A.A.;
- Uniformização da literatura;
- Desenvolvimento de uma política saudável de relações públicas;
- Atendimento aos pedidos de ajuda;
- Orientações para formação de novos grupos;
- Publicação de uma revista mensal;
- Tradução da literatura para outras línguas.

- Resultados iniciais da implantação da estrutura:

- Ano de 1950 – Sonhos transformados em realidade;

- Crescimento do número dos membros;
- Codificação das Tradições;
- Consolidação da Unidade;
- Os serviços mundiais passam a ser decisivos para o futuro de A.A.
- **A Preocupação com a manutenção da estrutura de serviços:**
 - A visão de futuro;
 - “Vamos manter isto simples”;
 - Membros e grupos ignoram a estrutura;
 - Resistência à convocação de uma conferência de representantes;
 - Localização da autoridade e da responsabilidade pelos serviços de A.A.
 - A implantação da Conferência de Serviços Gerais;
- **A Conferência de Serviços Gerais:**
 - Razões da transferência da responsabilidade e autoridade finais para A.A. como um todo;
 - A aplicação da Segunda Tradição nos serviços mundiais;
 - Grupos de A.A. ► *autoridade final*;
 - Líderes ► *responsabilidades delegadas*;
 - A CSG representando a consciência de A.A. no mundo inteiro;
- **A.A. a democracia que deu certo:**
 - O risco de uma ditadura em nossa irmandade;
 - Princípios espirituais que comprovadamente funcionam;
 - Sustentação da unidade ↔ Amor-dedicação aos companheiros e pelos princípios;
 - Uma sociedade espiritualizada assegura a democracia dos serviços mundiais em quaisquer condições;
 - A transferência da autoridade: Membros mais antigos → Grupos → Conferência de Serviços Gerais.

Rio de Janeiro, 30 de julho de 2011.

CONCEITO X

“Toda responsabilidade de serviço deveria corresponder a uma autoridade de serviço equivalente — a extensão de tal autoridade ser sempre bem definida, seja por tradição, por resolução, por descrição específica de função, ou por atas de constituição e estatutos adequados.”

Os limites da autoridade

Para cada responsabilidade operacional deve ser dada uma autoridade correspondente para que o servidor possa se desincumbir dela. Num primeiro momento foi necessário definir de forma bem clara as autoridades e as responsabilidades dos Grupos de A.A, da Conferência de Serviços Gerais, dos Custódios e das pessoas jurídicas que compunham então a nossa estrutura. Percebeu-se que precisávamos aplicar o princípio da autoridade igual à responsabilidade, aquela nunca maior que esta.

Esse equilíbrio pode proporcionar o funcionamento harmonioso e eficiente entre todos nós para que todos tenham plena consciência de suas responsabilidades e da autoridade que a ela corresponde.

Este conceito reflete a preocupação com porção de autoridade necessária e sem a qual seria impossível os servidores atuarem com liberdade de ação e eficiência.

O relacionamento entre os diversos níveis da autoridade e responsabilidade é a chave para a nossa harmonia e bom funcionamento.

Requisitos para um bom relacionamento entre estes diversos níveis:

- Relacionamentos bem definidos;
- Os detentores da autoridade final precisam ser capazes e querer adequadamente delegar e manter uma autoridade operacional satisfatória;
- Os possuidores da autoridade delegada precisam sentir-se capazes e querer usar livremente a sua autoridade delegada como servidores de confiança;
- Instrumentos definidos para interpretar e decidir situações duvidosas;

Se esses requisitos não forem cumpridos as consequências inevitáveis serão as desavenças pessoais, confusão, ineficiência serão inevitáveis.

O desenvolvimento de nossa estrutura de serviço mostrou que a responsabilidade suprema e autoridade suprema deveriam estar no mesmo lugar. Por isto, os Grupos de A.A. tornaram-se os detentores delas e tem dividido parte desta autoridade suprema com a Conferência e com a Junta de Custódios.

O uso da autoridade delegada em A.A. pode ser demonstrado como se segue:

- Os delegados representando os grupos estão em posição de autoridade suprema sobre os custódios.
- Os custódios estão em posição de autoridade suprema sobre a Junta de Serviços Gerais e demais pessoas jurídicas eventualmente existentes.
- Os diretores da Junta de Serviços Gerais e das pessoas jurídicas têm suprema autoridade sobre os comitês da Junta e administradores.
- Os coordenadores de comitês e os administradores das pessoas jurídicas têm autoridade suprema sobre o quadro de funcionários.

A responsabilidade final tem que estar sempre em algum lugar, para isto é preciso que a autoridade suprema exista para que cada servidor saiba de quem é e onde está a decisão final.

Por outro lado, é preciso que a autoridade suprema saiba transmitir este direito para a autoridade delegada. Se esta transição não for bem feita entre outras podemos ter as seguintes consequências da ausência ou deficiência da autoridade delegada:

- Os grupos dariam instruções, quer dizer, dirigiriam os delegados em decisões importantes.
- Da mesma forma os Delegados transformariam os Custódios em meros executores de ordens sem nenhum poder de decisão.
- Os Custódios tomariam o lugar dos diretores das pessoas jurídicas/incorporadas e outras entidades de serviço, dando-lhes diretrizes.
- Os executivos e os Coordenadores de Comitês se transformariam em ditadores oprimindo o quadro de funcionários.

O abuso da autoridade suprema levaria a uma ditadura onde os servidores teriam apenas responsabilidades sem nenhuma autoridade, sem liderança e sem capacidade decisão. Grandes e pequenas tiranias e falta de quem assuma as responsabilidades com o serviço seria a penalidade inevitável.

Características balizadoras da autoridade suprema:

- não pode ser usada indiscriminadamente;
- praticamente nunca deveria ser usada no todo, apenas numa *emergência*;
- quando deve ser usada a autoridade suprema:

- a. Quando a autoridade delegada fracassa.
- b. Quando precisa ser reorganizada devido à sua deficiência.
- c. Quando constantemente ultrapassa o seu intuito e propósito definidos.

Como pode ser usada a autoridade suprema no seu todo:

- Se os Grupos estiverem descontentes com a Conferência, eles podem eleger Delegados melhores ou fechar a bolsa.
- Os Delegados atuando como Conferência podem censurar ou reorganizar a Junta de Custódios.
- A Junta de Custódios pode fazer o mesmo com as pessoas jurídicas/incorporadas e com os Comitês de Serviço.
- Se uma pessoa jurídica ou o ESG desaprovar as operações de um executivo ou do quadro de funcionários poderá demití-los.

Esta é a forma adequada do uso da autoridade suprema porque têm uma real responsabilidade suprema com a eficiência e o desempenho de nossas atividades de serviço. A *influência* da autoridade suprema deve ser sentida, mas sem sombra de dúvida, *quando a autoridade delegada está funcionando bem, não deveria haver nenhuma interferência*. Se não for assim aqueles que têm a responsabilidade operacional de serviço ficarão desmoralizados primeiro porque esta interferência será arbitrária e segundo porque a sua responsabilidade será maior que a autoridade.

Como evitar que a autoridade suprema tente usurpar ou tomar para si toda a autoridade operacional ou delegada:

- a. Por meios legais.

Atas de constituição, estatutos, regimentos internos. Tomemos como exemplo a Ata de Constituição da Conferência que não é um instrumento legal, mas na prática é um contrato entre os Grupos e a sua Conferência. No Conceito II quando os Grupos a aprovaram delegaram **parte** da sua autoridade suprema e **toda** a sua autoridade operacional para a Conferência que inclui os Custódios e os serviços ativos.

- b. Por meios tradicionais.

- Direito de voto a todo membro da Conferência, sem exceção, de acordo com a sua consciência;
- A garantia do Direito de Decisão para a própria Conferência que pode escolher quais assuntos serão por ela decididos e quais devem ser encaminhados de volta aos Grupos para discussão, orientação ou direção. Estas definições tradicionais restringem a tendência humana e natural dos grupos a instruir em excesso os Delegados, conferindo à Conferência uma **autoridade igual à sua real responsabilidade**.

Desta forma, fica claro que em todos os níveis da nossa estrutura de serviço, de acordo com o Direito de Decisão, os detentores da *autoridade delegada* podem escolher quais as questões que resolverão por conta própria e quais deverão ser encaminhadas para que a autoridade suprema decida ou oriente.

- c. Por princípios sobre os quais as situações duvidosas e as aparentes ou realmente conflitantes possam ser interpretadas e rapidamente resolvidas.

Por exemplo, na Junta de Serviços Gerais se um ou mais Comitê divergir de uma determinada situação, terão que submetê-la à Junta de Custódios que resolverá ou se achar necessário levarão o assunto para a Conferência. Entretanto, a experiência nos

indica que, maior parte dos conflitos pode ser resolvida com facilidade através da comunicação fácil entre todos os organismos e grupos de servidores participantes da estrutura. Sabendo-se que em toda a matéria conjunta ou de autoridade conflitante a jurisdição maior deve ser estabelecida. É importante lembrar que a jurisdição menor deve ser ouvida, e seja qual for a questão envolvida, deverá haver um ponto ou corpo de concordância onde um acordo final possa ser feito.

Outro princípio a ser cuidadosamente é o de que devemos sempre evitar a dupla administração. A autoridade nunca pode ser dividida em duas metades iguais. Evitar a dupla administração executiva é assunto amplamente abordado no Conceito seguinte.

Além desses métodos a igualdade entre a autoridade e a responsabilidade delegada é garantida por mais dois princípios tradicionais – o *Direito de Petição* e o *Direito de Apelação*.

Estes direitos visam resguardar-nos quanto a uma simples maioria que possa se arvorar em pseudo autoridade suprema, quando assim não deveria fazer. Os instrumentos de petição e apelação asseguram que toda minoria e todo servidor, tenha uma autoridade e um posicionamento na estrutura correspondentes à responsabilidade envolvida.

Em resumo, precisamos de grande autoridade final ou suprema para corrigir ou reorganizar mas precisamos ter a certeza de que todos os servidores de confiança terão a autoridade adequada e claramente definida para cumprir com as suas responsabilidades.

Finalmente, este é princípio instituído na Segunda Tradição:

- CONSCIÊNCIA DE GRUPO ► *AUTORIDADE FINAL*
- SERVIDORES DE CONFIANÇA ► *AUTORIDADE DELEGADA*

CONDIÇÃO BÁSICA - uma não pode funcionar sem a outra.

REQUISITO BÁSICO - respeito mútuo.

RESULTADO - permanente equilíbrio de trabalho harmônico e correto.

CONCEITO XI

“Enquanto os Custódios tiverem a responsabilidade final pela administração dos serviços mundiais de A.A., eles deverão ter sempre a melhor assistência possível dos comitês permanentes, diretores de serviços incorporados, executivos, quadros de funcionários e consultores. Portanto, a composição desses comitês subordinados e juntas de serviço, as qualificações pessoais dos seus membros, o modo como foram introduzidos dentro do serviço, os seus sistemas de revezamento, a maneira como eles são relacionados uns com os outros, os direitos e deveres especiais dos nossos executivos, quadros de funcionários e consultores, bem como uma base própria para a remuneração desses trabalhadores especiais, serão sempre assuntos para muita atenção e cuidado.”

Liderança competente e relacionamento harmonioso são indispensáveis para o bom funcionamento da Junta de Serviços Gerais. Para que os custódios possam planejar e administrar quanto aos assuntos de normas de procedimentos e finanças, como vimos anteriormente, eles precisam do assessoramento dos coordenadores de comitês, diretores dos serviços incorporados (pessoas jurídicas), executivos e do quadro de funcionários. Da qualificação profissional, da dedicação, das habilidades pessoais desses servidores depende a solidez da nossa estrutura de serviço.

Este grupo representa a face visível da estrutura de serviço porque mantém contato permanente com A.A. através de servidores que atuam em diversos segmentos da nossa irmandade.

Como visto anteriormente no Brasil a atual estrutura funciona com as alterações introduzidas pela XIX Conferência de Serviços Gerais no ano de 1995. Esta alteração está descrita no prefácio do Livro “Doze Conceitos para Serviço Mundial”.

Os órgãos executivos da Junta de serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil – JUNAAB são:

- **Diretoria Executiva** - órgão executor dos serviços da JUNAAB constituída por quatro diretores todos eles custódios de serviços gerais:
 - Diretor Geral / membro de A.A.
 - Diretor Tesoureiro I / não-alcoólico
 - Diretor Tesoureiro II / não-alcoólico
 - Diretor Financeiro / membro de A.A.
- **Comitês de Serviço** – são os Comitês de Assessoramento da JUNAAB são equipes que informam, orientam e por vezes até aconselham a Junta de Custódios. Devem ser constituídos de companheiros com experiência em suas respectivas áreas de atuação. Este é o lugar para o profissionalismo em A.A. No entanto, a determinação deste Conceito é clara quando ressalta literalmente: *“É enfatizado aqui que **nenhum** dos Comitês da Junta de Serviços Gerais é de caráter executivo. Eles não administram nem conduzem as atribuições ativas das corporações de serviço. Eles podem, entretanto, fazer quaisquer recomendações que quiserem - às próprias corporações de serviço ou aos custódios”* . Como visto no conceito anterior, aqui a autoridade suprema na tomada de decisões é da Junta de Custódios.

COMITÊS DA JUNAAB

COMITÊ EXECUTIVO – Presta assessoramento no campo da política geral administrativa e opina sobre preenchimento de cargos. É composto pelos diretores da Diretoria Executiva, pelos Coordenadores dos Comitês de Serviços e pelo Gerente Administrativo	
CTO – Comitês Trabalhando com os Outros	CF – Comitê de Finanças
CL – Comitê de Literatura	CPP – Comitê de Publicações Periódicas
CISM – Comitê de Imagem, Som e Memória	CAC – Comitê de Assuntos da Conferência
CATI – Comitê de Assuntos da Tecnologia da Internet	CPMS – Comitê Permanente do Manual de Serviço
CN – Comitê de Nomeações	CI – Comitê Internacional

- **Gerência Administrativa**

C T O

COMITÊ TRABALHANDO COM OUTROS

LINHA DIRETA: A importância de **transmitir a mensagem** - razão básica da existência de nossa Irmandade - é tão grande que nós membros de A.A., a ela somos conduzidos em dois momentos distintos. Primeiramente por um compromisso individual, consagrado no 12º Passo sugerido para a recuperação do alcoólico; por outro lado coletivamente nos deparamos com o *único propósito primordial*, definido na nossa 5ª

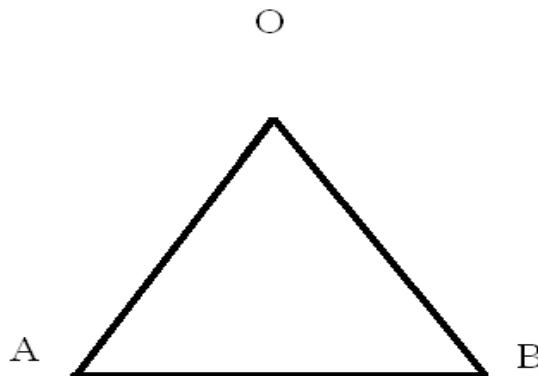
Tradição. Então percebemos que quando temos de um lado o membro de A.A. em recuperação e de outro lado um alcoólico na ativa, pratica-se o 12º Passo; a transmissão da mensagem é direta.



QUEM É, ONDE ESTÁ?: Porém muitas vezes nós membros de A.A. não temos acesso direto ao alcoólico ou não sabemos onde ele(a) está ou ainda nem ao menos sabemos quem é ele. E aí o que fazer, negar-lhe o direito à mensagem que um dia salvou a nossa vida? Excluí-lo ou negar-lhe a participação garantida pela nossa Terceira Tradição? Onde e como encontrá-lo?



A TERCEIRA PESSOA: Neste momento surge a figura de alguém que pode fazer isto por nós, ou seja, alguém que sabe onde está o alcoólico que precisa receber a mensagem de A.A., quem é ele, como encontrá-lo e que na maioria das vezes pode dizer-lhe quem somos, qual é a nossa proposta e onde estamos.



A = MEMBRO DE A.A. EM RECUPERAÇÃO

B = ALCOÓLICO NA ATIVA

O = O OUTRO DO CTO

Aí então forma-se o triângulo que pode fazer com que a mensagem chegue a todos que dela precisem, independente de quem seja, onde esteja ou a que grau de dependência do álcool tenham chegado. O **alcoólico em recuperação membro de A.A., o outro** e o **alcoólico na ativa**, três componentes importantes da questão.

O *outro*, ou seja, a terceira pessoa é o profissional das mais diversas áreas de atuação, o parente do alcoólico, o amigo de A.A., o seu empregador, um religioso, enfim, qualquer um a quem possamos informar a respeito de Alcoólicos Anônimos e do seu Programa de Recuperação, os Doze Passos.

Em trabalho conjunto com os Serviços Gerais, temos procurado conscientizar os companheiros da necessidade de cada vez mais, desenvolvermos as atividades do CTO a partir dos grupos, onde *tudo* começa. Entendemos que somente com a participação efetiva dos grupos neste propósito poderemos atingir o grande objetivo de A.A. conforme descrito acima. A Conferência ao criar os encargos de Representante do CTO do Grupo (RCTO) e Coordenador do CTO do Distrito, buscou uma maior integração dentro da nossa estrutura. Este direcionamento tem por finalidade aprimorar a divulgação da mensagem e assim dar a todo alcoólico a mesma oportunidade que um dia tivemos.

A experiência mostrou-nos que para que consigamos fazer alguma coisa bem feita é necessário que se pratique e, aprendemos também com a sabedoria popular que “se cada um limparse a frente da sua casa o mundo seria mais limpo”.

Iniciamos então por arrumar a nossa própria casa, ou seja, pelos nossos grupos. Percebemos que quem mais conhece uma comunidade, são os membros do Grupo de Alcoólicos Anônimos que a ela pertencem, por isto os mais aptos a desenvolverem a atividade *Trabalhando com os Outros (TO)* a nível local. Sabemos que em muitos lugares existem dificuldades às vezes grandes para que o trabalho possa ser feito, mas também verificamos que sempre existe uma forma, por mais simples que seja, de fazer-se a **divulgação** de A.A. numa comunidade, objetivo da Informação ao Público (IP).

Sugerimos que cada Grupo inicie o trabalho de I.P., de acordo com as sugestões contidas no Manual do CTO e também nos Guias de A.A., dentro de suas possibilidades e dos meios de divulgação existentes em suas respectivas comunidades.

Procurando facilitar e estimular estas atividades os Organismo de Serviços Locais, confeccionam cartazes padronizados, conforme sugestão do CTO nacional, onde constam o nome de Alcoólicos Anônimos, o endereço, horário das reuniões do Grupo e também o telefone do Escritório de Serviços e a informação de que esta funciona no horário comercial. Estes cartazes são distribuídos gratuitamente aos grupos que fazem fotocópias e afixam-nas nos locais próprios à divulgação.

Alguns Grupos não têm condições para estruturar as diversas Comissões do Comitê Trabalhando com os Outros, porém os seus membros coordenados pelo Representante do CTO podem desenvolver as diversas atividades funções do Comitê em revezamento, por exemplo.

“O nosso Décimo Segundo Passo, que leva a mensagem, é o serviço básico que a Irmandade de A.A. oferece, é o nosso principal objetivo e a razão primordial de nossa existência. Por tanto A.A. é mais do que um conjunto de princípios; é uma sociedade de alcoólicos em ação”. (*Bill W em Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade*).

Resende, 13 de junho de 2010

DÉCIMA TRADIÇÃO

Desde que Alcoólicos Anônimos começou, nunca foi dividido por uma polêmica de maior importância. Nossa Irmandade nunca tomou partido publicamente em qualquer questão neste mundo conturbado. Não se trata de uma virtude duramente conquistada. Pose-se quase dizer que nascemos com ela. Um antigo membro recentemente declarou: “Praticamente nunca ouvi nenhuma discussão acalorada sobre religião, política ou de reforma entre os membros de A.A. Já que nós não discutíamos estes assuntos, particularmente, com certeza nunca os discutiremos em público.”

Como por instinto, sabemos desde o princípio que, não importa qual seja a provocação, nunca devemos publicamente tomar partido, *como AA*, em qualquer disputa, ainda que seja muito digna. Toda a história nos mostra o espetáculo de nações e grupos belicosos que se empenharam e acabaram sendo destruídos porque tiveram que entrar, ou foram tentados a entrar em controvérsia. Outros foram destruídos porque a crença em suas próprias virtudes os levou a impor sobre o resto da humanidade seu próprio modo de pensar e agir. Em nossos tempos, temos visto milhões de pessoas morrerem, vítimas de guerras políticas e econômicas, muitas vezes provocadas por diferenças religiosas e raciais. Vivemos na iminente possibilidade de um novo holocausto, para determinar como os homens serão governados e como os produtos da natureza e do trabalho penoso serão divididos entre eles. Esse é o clima espiritual dentro do qual A.A. nasceu e, pela graça de Deus, não obstante floresceu.

Vamos enfatizar novamente que essa aversão pela luta de uns com os outros ou com quem quer que seja não é considerada uma excepcional virtude, em razão da qual nos sentimos superiores às outras pessoas. Nem significa que os membros de Alcoólicos Anônimos, agora reintegrados ao mundo, vão deixar de cumprir suas próprias responsabilidades para agir como bem entenderem, como um todo, isso é outro assunto. *Como AAs*, não entramos em controvérsias públicas, porque sabemos que nossa Irmandade perecerá se assim o fizermos. Acreditamos que a sobrevivência e a expansão de Alcoólicos Anônimos sejam mais importantes do que qualquer valor que possamos todos juntos dar a quaisquer outras causas. Recuperação do alcoolismo é para nós a própria vida, e desejamos preservar com toda a força nossos meios de sobrevivência.

Talvez por isso possa parecer que os alcoólicos em A.A. tenham de repente se tornado pacíficos e se transformado numa grande família feliz. Claro que não é assim, de maneira alguma. Somos seres humanos e também discutimos. Antes de nos estabilizarmos um pouco A.A. parecia mais uma grande discussão do que qualquer outra coisa, pelo menos à primeira vista. Um diretor de empresa, que tinha acabado de votar uma despesa da empresa da ordem de cem mil dólares, aparecia numa reunião de assuntos de A.A. e fazia, um grande escândalo, em relação a uma despesa necessária de vinte cinco dólares para despesas postais. Desgostosa com as intenções de alguns, ao dirigir o grupo, a metade de seus membros poderia se retirar irritada para formar um outro grupo, mais de acordo com a sua maneira de pensar. Alguns membros mais antigos por uns tempos se tornavam fariseus, muitas vezes mal-humorados. Às vezes ataques amargos eram dirigidos a pessoas suspeitas de intenções duvidosas. Entretanto, apesar desse barulho, nossas desavenças eram quase sempre ligadas ao fato de como tornar A.A. mais eficiente, como fazer o melhor para um maior número de alcoólicos.

A Sociedade Washingtoniana, um movimento entre alcoólicos que começou em Baltimore há um século, quase descobriu a resposta para o alcoolismo. No princípio, a sociedade era composta inteiramente de alcoólicos tentando ajudar uns aos outros. Os primeiros membros previam que deveriam dedicar-se a esse único objetivo. Em muitos aspectos os Washingtonianos se pareciam com os AAs. O número de membros passava

da casa dos quinhentos mil. Tivessem eles permanecido em seu único objetivo, poderiam ter encontrado a resposta. Em vez disso, os Washingtonianos permitiram que os políticos e os reformadores, tanto alcoólicos como não-alcoólicos, usassem a sociedade para os seus próprios propósitos. A abolição da escravidão, por exemplo, era uma agitada questão política na época. Logo os oradores Washingtonianos, violenta e publicamente, começaram a tomar partido nessa questão. Talvez a sociedade pudesse ter sobrevivido à controvérsia da abolição, mas ela não teve chance desde o momento que resolveu reformar todos os hábitos de bebida da América. Alguns Washingtonianos tornaram-se batalhadores da temperança. Em poucos anos, perderam completamente sua eficiência na ajuda aos alcoólicos, e a sociedade sofreu um colapso.

A lição a ser aprendida através dos Washingtonianos não foi negligenciada por alcoólicos Anônimos. Como tínhamos visto o fracasso desse movimento, os primeiros membros de A.A. decidiram manter nossa Irmandade longe de controvérsia pública.

A Décima Tradição estabelece o princípio da não intervenção em questões alheias à Irmandade. Como seres humanos temos também aqui nossos momentos de instabilidade emocional e por vezes chegamos a nos alterar. No começo, quando ainda estávamos em busca do melhor caminho, muitas vezes, pessoas explodiam por causa de coisas insignificantes; Apesar disso saímos fortalecidos desses embates e aprendemos com os nossos erros, chamamos a isso das dores do crescimento, e fazem parte de um aprendizado da difícil arte de viver e conviver juntos. Para que A.A. fique a salvo de contendas externas, aqui também precisamos sempre colocar o princípio da *não-intervenção em questões alheias à Irmandade, acima dos nossos egoísticos interesses.*

Obras consultadas:

“Alcoólicos Anônimos atinge a maioria”

“Os Doze Passos e as Doze Tradições”

“A Tradição de A.A. como se desenvolveu – por Bill W.”

DESMISTIFICANDO OS CONCEITOS

INTRODUÇÃO

- Passos: 1935 a 1939 – *Publicação do Livro Azul*

Estávamos doentes, precisávamos encontrar a solução para este problema, diversos métodos foram tentados até concluirmos que

- a) deveríamos repensar nossos valores;
- b) mudar nosso comportamento;
- c) e que só poderíamos fazê-lo auxiliado por outros;

- Tradições: 1935 a 1945 – *Publicação das Tradições 1946*

Precisando permanecer juntos e contar com a boa vontade da sociedade em geral, considerando nossas tendências naturais, percebemos que deveríamos:

- a) viver num regime verdadeiramente democrático, sendo inclusivos (não discriminatórios);
- b) comungar um único objetivo;
- c) assumir a responsabilidade por mantermo-nos,

- d) obter boa vontade e respeito da sociedade em geral - notadamente da ciência e da religião;
- e) dividir graciosamente estas descobertas;

- **Conceitos:1938 a 1955 – Publicação dos Conceitos 1962**

Dividir as descobertas implica em fazer com que elas cheguem ao maior número possível de pessoas sem distorções, isto é, respeitando os princípios “descobertos”.

- a) Sendo democráticos, a responsabilidade por qualquer decisão ou iniciativa deve residir na coletividade.
- b) Métodos representativos, capazes de refletirem os anseios da coletividade foram desenvolvidos. Tais métodos exigiram uma estrutura baseada no princípio do serviço em vez do princípio da autoridade constituída; na participação de todos; na necessidade de ouvirmos e respeitarmos as minorias; na delegação de responsabilidades e autorizações para que atuem em nosso nome.
- c) Os “servidores” foram e devem continuar a ser criteriosamente escolhidos entre os melhores e mais bem preparados para cada função.
- d) Os demais colaboradores devem ser mantidos motivados e justamente remunerados.

- **Conseqüência**

Os três conjuntos de princípios, de um ponto de vista mais geral, desenvolveram-se por um processo semelhante:

- a) fizeram-se necessários;
- b) tentativas para encontrar a solução, conduziram, como é esperado, a erros e acertos;
- c) após um período de utilização bem sucedida dos acertos eles foram codificados;

Neste sentido, reportando-nos à Introdução do livro Os Doze Conceitos para Serviços Mundiais, encontramos::

Os Doze Conceitos...são uma interpretação (codificação) da Estrutura de Serviços Mundiais...mostram a evolução e detalham a experiência e as razões ..que apoiam nossas operações.

Ânsia por melhoramento,..falhas imprevistas,..novas necessidades e problemas surgirão... .Tais alterações deveriam ser feitas e as contingências encaradas de frente.

...mudança não quer necessariamente assegurar progresso...

..um dos objetivos dos Conceitos é impedir a repetição dolorosa dos erros do passado...

...vemos um conjunto de princípios que já se tornaram tradicionais, mas que não foram ainda claramente definidos e explicados por escritos:

Direito de Decisão;

Direito de Participação;

Direito de Apelação e Direto de Petição

... relacionamentos e arranjos legais ... que harmonizam, Conferência, Junta, Comitês da Junta, Unidades do Serviço Ativo Incorporado ...

"Certas precauções foram tomadas, temendo-se que a descrição detalhada da nossa estrutura interna não viesse mais tarde se firma numa tradição rígida ou num evangelho, onde alterações necessárias seriam impossíveis de serem feitas."

..os futuros advogados das alterações...terão somente que apresentar motivos fortes para suas recomendações...

...grande ênfase à necessidade de alta capacidade de liderança....métodos cuidadosos na introdução de novos membros...do melhor relacionamento possível entre as pessoas...

...escolha entre o procedimento autoritário e o conceito democrático...

"Tendo conhecimento das nossas tendências autoritárias ao dirigir, é natural e até imperativo, que nossos conceitos de serviço sejam baseados em sistemas de "verificações e prestações de contas". Temos que encarar o fato de que usualmente tentamos aumentar nossa autoridade e prestígio, quando estamos segurando as

rédeas". Mas quando outros têm as rédeas nas mãos, arduamente resistimos a uma administração de linha dura. Tenho plena certeza disso, porque eu mesmo tenho essa característica."

DESMISTIFICANDO OS CONCEITOS

Os Doze Conceitos para Serviços Mundiais, em sua essência, e em sua aplicação irrestrita, em nada diferem dos Doze Passos e das Doze Tradições, pelo contrário, complementa-os.

No que se refere aos Conceitos, os "eternos resistentes" argumentam que o seu conhecimento e utilização devem ficar restritos ao círculo de Servidores e/ou àqueles companheiros desejosos em "doutorarem-se" nos princípios da Irmandade, pois além de herméticos, não encontram aplicação no dia a dia do Grupo ...Será? Ou será que a expressão "Serviços Mundiais" nos leva a crer que esses princípios se aplicam apenas ao A.A. dos Estados Unidos e Canadá?

Talvez o próprio Bill tenha contribuído para mistificação destes princípios quando declarou na introdução dos mesmos que, embora tenha consumido cerca de seis anos para redigi-los, não conseguiu obter para eles um estilo resumido, sintético e auto-explicativo como o aplicado nos Passos e Tradições

Permitam-me reproduzir o trecho:

"Devido ao grande número de assuntos que tinham de ser incluídos, estes Conceitos foram difíceis de ser organizados e escritos. Como cada Conceito é um grupo de princípios relacionados, declarações resumidas do tipo usadas nos Doze Passos e Doze Tradições de A.A. não foram possíveis. "Entretanto, estes Conceitos representam a melhor condensação que pude fazer, depois de mais de 20 anos de experiência na criação de nossa estrutura de serviço e na direção dos assuntos mundiais de A.A."....

- Doze Conceitos para Serviços Mundiais – 5ª Edição – pg 9.

Vamos tentar navegar pelos Conceitos, cujo conteúdo que vou tentar expressar de forma resumida, refletindo ou questionando sua aplicabilidade nas atividades cotidianas de um Grupo. Para tentar facilitar a compreensão, permita-nos traçar *a priori* as seguintes equivalências e similaridades: entre os componentes do Grupo e da Estrutura de Serviços Gerais:

COMPONENTES EQUIVALENTES	
Grupo	Estrutura de Serviços Gerais
Membro	Grupo
Junta (ou Equipe) de Serviços	Junta de Custódios
Reunião Administrativa	Conferência de Serviços Gerais
Consciência do Grupo	Consciência da Irmandade

CONCEITO I: Os Grupos têm a responsabilidade final e a autoridade suprema pelos nossos serviços mundiais. A redação ainda complementa dizendo que a responsabilidade "deveria sempre recair sobre a consciência de toda a irmandade"..

Hoje, creio que podemos dizer que podemos dizer que **recai!**

Muito bem: E aqui no nosso Grupos? Por acaso é diferente? As ações, decisões e iniciativas do Grupo não "deveriam" recair, ou não **recaem** sobre cada um dos membros ?

CONCEITO II: Estabelece que, por motivos de ordem prática e funcional,...os grupos de A.A....delegaram à Conferência completa autoridade para manutenção ativa dos nossos serviços mundiais , ou seja: a consciência delega poderes à Conferência para decidir e agir por ela.

Refletamos: Nem todos os membros do Grupo participam da Reunião Administrativa.

O que estes membro estão na realidade fazendo?

Não estarão delegando aos participantes a autoridade para decidir e agir em nome deles ?

CONCEITO III: ...é aqui sugerido que dotemos cada um desses elementos dos serviços mundiais com um tradicional "Direito de Decisão"

Algum Servidor de Grupo (Coordenador Geral, Secretário, Tesoureiro, Coordenador de CTO, RSG, RV, Coordenador de Reunião, Encarregado da Faxina ou Cafeteiro) pode funcionar sem exercer este direito? Serão eles “servidores de confiança” se não lhes outorgarmos tal Direito?

CONCEITO IV: ..."Direito de Participação"....em proporção correspondente à responsabilidade que cada um deve ter

Não vivemos dizendo a cada ingressante que suas opiniões têm o mesmo valor e importância que a opinião de qualquer um dos demais membros? Por acaso a algum membro ou servidor é negado o direito de expressão?

Imaginemos um Grupo grande o suficiente para necessitar de funcionários remunerados – isso não é fantasia eles existem, conheço pelo menos dois, – **por acaso este grupo tomaria decisões na área de atuação de seus funcionários, deixando de se beneficiar da experiência de um colaborador experiente?**

CONCEITO V: prevalecer um tradicional "Direito de Apelação", assim nos assegurando que a opinião da minoria seja ouvida - Direito de Petição e Apelação

Para não ser muito longo ou exaustivo: **O que seria da nossa Unidade se não praticássemos tal princípio em nosso Grupo?**

CONCEITO VI: ...a Conferência...reconhece que a principal iniciativa e a responsabilidade ativa deveriam ser exercidas ...pelos Custódios, quando eles atuam entre si como Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos...

A Conferência delega autoridade a Junta para que ela possa administrar continuamente os assuntos da Irmandade, uma vez que Conferência normalmente se reúne apenas uma vez em cada ano.

Alguma semelhança entre este Conceito e procedimento da consciência de um Grupo em relação à sua Equipe de Serviços?

CONCEITO VII: A Conferência reconhece que a Ata de Constituição e os Estatutos da Junta de Serviços Gerais são instrumentos legais: que os Custódios têm plenos poderes para administrar e conduzir todos os assuntos dos serviços mundiais de Alcoólicos Anônimos. Além do mais é entendido que a Ata de Constituição da Conferência não é por si só um documento legal, mas pelo contrário, ela depende da força da tradição e do poder da bolsa de A.A. para efetivar a sua finalidade.

Junta = Direito Legal; Conferência = Direito Tradicional ==> EQUILÍBRIO

Embora a maioria esmagadora de nossos Grupos não tenha porte nem necessidade de assumir uma personalidade Jurídica - tal como o tem nossa Junta de Custódios, o princípio permanece válido, uma vez que qualquer Reunião Administrativa pode, se assim julgar necessário e/ou conveniente, reformular ou mesmo destituir a Equipe de Serviços, pois o fórum da Reunião Administrativa é o detentor da verdadeira autoridade Tradicional, a ela conferida pela consciência coletiva do Grupo.

Mesmo o exemplo extremo de dissolução provocada pelo corte das contribuições é possível, pois basta que os membros do Grupo (sua consciência) deixem de contribuir na sacola parta que os recursos deixem de existir...

Este Conceito talvez seja o que mais provoca nos “bem-informados-mal-intencionados” resistência à divulgação destes princípios, pois de fato, a compreensão de tal princípio por parte de todos os membros, coloca literalmente em risco suas supostas liderança e autoridade.

CONCEITO VIII: Os Custódios da Junta ...com relação aos nossos serviços, constantemente ativos e incorporados separadamente, a relação...é... de direito e de propriedade total e de supervisão de custódia que exercem através de sua capacidade de eleger todos os diretores dessas entidades.

A Junta (Os Custódios) Planeja, Administra e sub estabelece se necessário. É o Conselho de Administração da empresa cujos acionistas são os Grupos.

E aí? Algum paralelo pode ser traçado?

CONCEITO IX: Bons Líderes de Serviço, bem como métodos sólidos e adequados para sua escolha são, em todos os níveis indispensáveis para o nosso funcionamento e segurança no futuro. A liderança principal dos serviços de A.A., antes exercida pelos fundadores de A.A., deve necessariamente ser assumida pelos Custódios da Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos - . Necessidade e Critérios de escolha de bons servidores.

Precisamos comentar?

CONCEITO X: Toda responsabilidade de serviço deveria corresponder a uma autoridade de serviço equivalente.....

Equilíbrio entre autoridade e responsabilidade.

Também não faz muito sucesso junto aos “bem-informados-mal-intencionados”!

CONCEITO XI: Enquanto os Custódios tiverem a responsabilidade final pela administração dos serviços mundiais de A.A., eles deverão ter sempre a melhor assistência possível dos comitês permanentes, diretores de serviço incorporado, executivos, quadros de funcionários e consultores. Portanto, a composição desses comitês subordinados e juntas de serviço, as qualificações pessoais dos seus membros, o modo com são introduzidos dentro do serviço os seus sistemas de revezamento, a maneira como eles são relacionados uns com os outros, os direitos e deveres de nossos executivos, quadros de funcionários e consultores, bem como uma base própria para a remuneração destes trabalhadores especiais, serão sempre assuntos para muita atenção e cuidado.

Métodos de Administração, Motivação, Rotatividade e Remuneração de Colaboradores.

A necessidade e a aplicação corriqueira deste Conceito provavelmente só estão limitadas pelo porte do Grupos.

CONCEITO XII:As Garantia Gerais da Conferência: em todos o seus procedimentos, a Conferência de Serviços Gerais observará o espírito das Tradições de A.A., tomando muito cuidado para:

GARANTIA 1: que a Conferência nunca se torne sede de riqueza ou poder perigosos

GARANTIA 2: que suficientes fundos para as operações, mais uma ampla reserva, sejam o prudente princípio financeiro;

GARANTIA 3: que nenhum dos membros da Conferência nunca seja colocado em posição de autoridade absoluta sobre qualquer um dos outros;;

GARANTIA 4: que todas as decisões importantes sejam tomadas através de discussão, votação e, sempre que possível, por substancial unanimidade;;

GARANTIA 5: que nenhuma ação da Conferência seja jamais pessoalmente punitiva ou uma incitação à controvérsia pública;;

GARANTIA 6: que, embora a Conferência preste serviço a Alcoólicos Anônimos, ela nunca desempenhe qualquer ato de governo e que, da mesma forma que a Sociedade de Alcoólicos Anônimos a que serve, a Conferência permaneça sempre democrática em pensamento e ação.

Podemos exigir menos de nossa equipe de serviço?

O EGO E SUAS MANIFESTAÇÕES

No Quinto Passo de A.A. encontramos um componente essencial do Programa de Recuperação, ele nos alerta para o fato de que: *“todos os Doze Passos nos pedem para atuar em sentido contrário aos desejos naturais, todos desinflam nosso ego”*².

Uma profunda deflação do ego foi o caminho indicado ainda no final dos anos 20 pelo eminente Dr. Carl Jung a um alcoólico que o procurou buscando solução para o seu gravíssimo problema. Dizia esse médico “...reconheça a sua impotência pessoal e que se

2 Os Doze Passos e as Doze Tradições, 3 ed., 1999

entregue ao Deus que você pensa existir. Terá que tentar isso, é a sua única saída”³. Essa deflação do ego é atualmente a pedra angular dos princípios de A.A.

Nesse mesmo sentido o Dr. Tiebout destaca dois fatores essenciais à manutenção da sobriedade, ambos emanados do anonimato conforme suas palavras, duas faces da mesma moeda: primeiro a preservação de um ego reduzido, segundo a presença contínua de humildade ou simplicidade.

Com efeito a Tradição de A.A. coloca o anonimato como “o alicerce espiritual das nossas Tradições” vindo daí a inevitável conclusão de que é preciso “colocar os princípios acima das personalidades”. Segundo o autor esse ego não é um conceito intelectual, mas sim um estado de sentimento —uma sensação de importância — diríamos uma necessidade de ser especial⁴. Vemos hoje por aí afora pessoas tentando ser especiais, e mesmo em nossa irmandade quantas vezes queremos ser especiais pelos mais variados motivos. Aprendemos em A.A. sobre o risco de bajular um alcoólico com honrarias e louvores e por isto evitamos o culto à personalidade. A realimentação do ego é fatal para nós bebedores em recuperação. A Segunda Tradição traz em seu enunciado um antídoto para essa ameaça ao definir que *os nossos líderes são apenas servidores de confiança, não tendo poderes para governar*.

Portanto, a nossa experiência demonstra que em todos os aspectos da recuperação precisamos manter uma atitude de permanente defesa contra a exacerbação do ego e o serviço em A.A. deve ser uma forma de crescimento espiritual, jamais meio de afirmação pessoal.

Outro aspecto preocupante nos dias atuais foi abordado pelo Dr. Tiebout no artigo que ora compartilhamos. Trata-se da prática infelizmente ainda hoje existente de comemorar-se tempo de sobriedade com bolos e acrescentaríamos, festas. Tomemos as palavras do eminente médico sobre esses episódios acontecidos, segundo ele, nos primeiros dias de nossa então florescente irmandade:

“Uma olhada ao que aconteceu nos mostra o egoísmo, como eu o vejo, em ação. Em primeiro lugar, a pessoa que esteve sóbria por um ano inteiro, tornou-se um exemplo, algo para se admirar. Seu ego naturalmente se expandiu, seu orgulho floresceu e qualquer diminuição de egoísmo, obtida anteriormente, desapareceu. Tendo sua confiança renovada, acabou por tomar um drinque. Tinha sido considerada especial, e reagiu de acordo. Depois, essa parte especial se esvaiu. Nenhum ego é alimentado, estando na condição de lugar comum, e desse modo, o problema de ego desaparece.

Hoje A.A., na prática, está bem consciente do perigo de se bajular alguém com honrarias e louvores. Os riscos da realimentação do ego são reconhecidos. A frase ‘servidor de confiança’ constitui-se num esforço para manter baixo o nível do egoísmo, embora alguns servidores tenham problema nesse particular”⁵

Definido como um estado da mente, o egoísmo tira o indivíduo da sua condição de mero participante do contingente da humanidade para alçá-lo à condição de ser especial, conseqüentemente, diferente. A insistência de A.A. no princípio do anonimato individual, tem fundamental importância como antídoto natural para a forte tendência dos alcoólicos em sentirem-se especiais, levando-os para uma região distante da

3 Três Palestras às Sociedades Médicas por Bill W., 1999

4 Compartilhando a Sobriedade, 1 ed., 2003, pp. 193/194

5 Compartilhando... obra cit. p. 194

verdadeira humildade, por conseguinte, colocando-os muito próximo da perigosa zona de hiperinflação do ego.

Por outro lado o ego pode levar o indivíduo ao extremo oposto do “sentir-se especial”, mergulhando no pântano da autopiedade por não conseguir suportar ou admitir as suas falhas, fraquezas e impotências. O sentimento de inferioridade dele se apossa fazendo-o sentir-se inferior, o último dos mortais, incapaz de alçar seus vãos de grandeza e superioridade.

Em nossa Sexta Tradição encontramos a síntese desses dois aspectos ao lembrar-nos que: “...a maioria dos alcoólicos não passa de idealistas falidos. Quase todos dentre nós tínhamos desejado fazer um grande bem, praticar atos, personificar grandes ideais. Somos todos perfeccionistas que, à falta da perfeição, nos bandeamos para o extremo oposto e aderimos à garrafa e à escuridão”.⁶

Aceitar ser o “nada”, caminhar no sentido contrário aos desejos naturais, eis o problema de muitas pessoas. Porém, aprender a agir como um nada é entender a importância de ser um simples indivíduo, cidadão do dia-a-dia, integrado à raça humana e fundamentalmente anônimo. Atingir esse nível de compreensão permite desenvolver, aí sim, a verdadeira individualidade, que permite viver uma vida não circunscrita a fatos e circunstâncias, mas estar pronto para aceitar as adversidades como oportunidade para crescimento. Vivendo e deixando viver, livre das injunções do perfeccionismo e das auto-cobranças. Vivendo o hoje intensamente com alegria, plena satisfação consigo mesmo e a certeza de que é capaz de viver um dia por vez. Em A.A. conhecemos esse programa como o plano das vinte e quatro horas, que nos permite construir hoje o nosso amanhã, portanto, sem nos preocuparmos com ele.

Que o anonimato continue sendo o *manto protetor de nossa irmandade*, proteção contra o ego e suas devastadoras manifestações, permitindo que em A.A. cada indivíduo sinta-se apenas mais um, assimilando o sentimento de “*eu não sou nada de especial*”, assim buscando a verdadeira humildade, salvaguarda contra futuros problemas com relação ao álcool.

“Compreendo o motivo pelo qual você se espanta ao ouvir alguns oradores de A.A. dizerem: ‘Nosso programa é um programa egoísta.’ A palavra egoísta geralmente significa que se é ambicioso, exigente e indiferente ao bem-estar dos outros. Claro que o modo de vida de A.A. não apresenta esses traços indesejáveis. O que querem dizer esses oradores? Bem, qualquer teólogo lhe dirá que a salvação de sua própria alma é a mais alta aspiração que um homem pode ter. Logo, sem salvação – podemos definir assim - ele terá pouco ou nada. Para nós de A.A. a urgência é ainda maior. Se não podemos ou não queremos alcançar a sobriedade, então estamos desde já verdadeiramente perdidos. Não temos valor para ninguém, nem para nós mesmos, até nos libertar do álcool. Logo, nossa própria recuperação e crescimento espiritual têm que vir em primeiro lugar – uma justa e necessária espécie de preocupação com nós mesmos.”⁷

6 Os Doze Passos e ... obra cit. p. 140

7 Na *Opinião do Bill*, 4ª ed. p. 81, 1995

O EGO E SUAS MANIFESTAÇÕES

No Quinto Passo de A.A. encontramos um componente essencial do Programa de Recuperação, ele nos alerta para o fato de que: “*todos os Doze Passos nos pedem para atuar em sentido contrário aos desejos naturais, todos desinflam nosso ego*”.

Uma profunda deflação do ego foi o caminho indicado ainda no final dos anos 20 pelo eminente Dr. Carl Jung a um alcoólico que o procurou buscando solução para o seu gravíssimo problema. Dizia esse médico “...reconheça a sua impotência pessoal e que se entregue ao Deus que você pensa existir. Terá que tentar isso, é a sua única saída”. Essa deflação do ego é atualmente a pedra angular dos princípios de A.A.

Nesse mesmo sentido o Dr. Tiebout destaca dois fatores essenciais à manutenção da sobriedade, ambos emanados do anonimato conforme suas palavras, duas faces da mesma moeda: primeiro a preservação de um ego reduzido, segundo a presença contínua de humildade ou simplicidade.

Com efeito a Tradição de A.A. coloca o anonimato como “o alicerce espiritual das nossas Tradições” vindo daí a inevitável conclusão de que é preciso “*colocar os princípios acima das personalidades*”. Segundo o autor esse ego não é um conceito intelectual, mas sim um estado de sentimento —uma sensação de importância — diríamos uma necessidade de ser especial. Vemos hoje por aí afora pessoas tentando ser especiais, e mesmo em nossa irmandade quantas vezes queremos ser especiais pelos mais variados motivos. Aprendemos em A.A. sobre o risco de bajular um alcoólico com honrarias e louvores e por isto evitamos o culto à personalidade. A realimentação do ego é fatal para nós bebedores em recuperação. A Segunda Tradição traz em seu enunciado um antídoto para essa ameaça ao definir que *os nossos líderes são apenas servidores de confiança, não tendo poderes para governar*.

Portanto, a nossa experiência demonstra que em todos os aspectos da recuperação precisamos manter uma atitude de permanente defesa contra a exacerbação do ego e o serviço em A.A. deve ser uma forma de crescimento espiritual, jamais meio de afirmação pessoal.

Outro aspecto preocupante nos dias atuais foi abordado pelo Dr. Tiebout no artigo que ora compartilhamos. Trata-se da prática infelizmente ainda hoje existente de comemorar-se tempo de sobriedade com bolos e acrescentaríamos, festas. Tomemos as palavras do eminente médico sobre esses episódios acontecidos, segundo ele, nos primeiros dias de nossa então florescente irmandade:

“Uma olhada ao que aconteceu nos mostra o egoísmo, como eu o vejo, em ação. Em primeiro lugar, a pessoa que esteve sóbria por um ano inteiro, tornou-se um exemplo, algo para se admirar. Seu ego naturalmente se expandiu, seu orgulho floresceu e qualquer diminuição de egoísmo, obtida anteriormente, desapareceu. Tendo

sua confiança renovada, acabou por tomar um drinque. Tinha sido considerada especial, e reagiu de acordo. Depois, essa parte especial se esvaiu. Nenhum ego é alimentado, estando na condição de lugar comum, e desse modo, o problema de ego desaparece.

Hoje A.A., na prática, está bem consciente do perigo de se bajular alguém com honrarias e louvores. Os riscos da realimentação do ego são reconhecidos. A frase ‘servidor de confiança’ constitui-se num esforço para manter baixo o nível do egoísmo, embora alguns servidores tenham problema nesse particular”

Definido como um estado da mente, o egoísmo tira o indivíduo da sua condição de mero participante do contingente da humanidade para alçá-lo à condição de ser especial, conseqüentemente, diferente. A insistência de A.A. no princípio do anonimato individual, tem fundamental importância como antídoto natural para a forte tendência dos alcoólicos em sentirem-se especiais, levando-os para uma região distante da verdadeira humildade, por conseguinte, colocando-os muito próximo da perigosa zona de hiperinflação do ego.

Por outro lado o ego pode levar o indivíduo ao extremo oposto do “sentir-se especial”, mergulhando no pântano da autopiedade por não conseguir suportar ou admitir as suas falhas, fraquezas e impotências. O sentimento de inferioridade dele se apossa fazendo-o sentir-se inferior, o último dos mortais, incapaz de alçar seus vãos de grandeza e superioridade.

Em nossa Sexta Tradição encontramos a síntese desses dois aspectos ao lembrar-nos que: “...a maioria dos alcoólicos não passa de idealistas falidos. Quase todos dentre nós tínhamos desejado fazer um grande bem, praticar atos, personificar grandes ideais. Somos todos perfeccionistas que, à falta da perfeição, nos bandeamos para o extremo oposto e aderimos à garrafa e à escuridão”.

Aceitar ser o “nada”, caminhar no sentido contrário aos desejos naturais, eis o problema de muitas pessoas. Porém, aprender a agir como um nada é entender a importância de ser um simples indivíduo, cidadão do dia-a-dia, integrado à raça humana e fundamentalmente anônimo. Atingir esse nível de compreensão permite desenvolver, aí sim, a verdadeira individualidade, que permite viver uma vida não circunscrita a fatos e circunstâncias, mas estar pronto para aceitar as adversidades como oportunidade para crescimento. Vivendo e deixando viver, livre das injunções do perfeccionismo e das auto-cobranças. Vivendo o hoje intensamente com alegria, plena satisfação consigo mesmo e a certeza de que é capaz de viver um dia por vez. Em A.A. conhecemos esse programa como o plano das vinte e quatro horas, que nos permite construir hoje o nosso amanhã, portanto, sem nos preocuparmos com ele.

Que o anonimato continue sendo o manto protetor de nossa irmandade, proteção contra o ego e suas devastadoras manifestações, permitindo que em A.A. cada indivíduo sinta-se apenas mais um, assimilando o sentimento de “eu não sou nada de especial”,

assim buscando a verdadeira humildade, salvaguarda contra futuros problemas com relação ao álcool.

“Compreendo o motivo pelo qual você se espanta ao ouvir alguns oradores de A.A. dizerem: ‘Nosso programa é um programa egoísta.’ A palavra egoísta geralmente significa que se é ambicioso, exigente e indiferente ao bem-estar dos outros. Claro que o modo de vida de A.A. não apresenta esses traços indesejáveis.

O que querem dizer esses oradores? Bem, qualquer teólogo lhe dirá que a salvação de sua própria alma é a mais alta aspiração que um homem pode ter. Logo, sem salvação – podemos definir assim - ele terá pouco ou nada. Para nós de A.A. a urgência é ainda maior. Se não podemos ou não queremos alcançar a sobriedade, então estamos desde já verdadeiramente perdidos. Não temos valor para ninguém, nem para nós mesmos, até nos libertar do álcool. Logo, nossa própria recuperação e crescimento espiritual têm que vir em primeiro lugar – uma justa e necessária espécie de preocupação com nós mesmos.”